

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ

EDMAR DE OLIVEIRA
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto de pesquisa - Movimento da reforma psiquiátrica no Brasil: história e memória

Entrevistado - Edmar de Oliveira (EO)

Entrevistadoras - Anna Beatriz de Sá Almeida (AB), Laurinda Rosa Maciel (LM) e Nathacha Reggazini Bianchi Reis (NR)

Data - 24 e 31/05/2000

Local - Rio de Janeiro/RJ

Duração – 2h03min

Responsável pelo sumário - Angélica Estanek Lourenço

Responsável pela transcrição - Angélica Estanek Lourenço

Responsável pela conferência de fidelidade - Angélica Estanek Lourenço

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

OLIVEIRA, Edmar. *Edmar Oliveira. Entrevista de história oral concedida ao projeto Movimento da reforma psiquiátrica no Brasil: história e memória*, 2000. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2021. p. 63

Resenha Biográfica

Edmar Oliveira nasceu em 1951, na cidade de Palmerais, no Piauí, e tem ascendência indígena e portuguesa. Iniciou sua formação escolar no Colégio Batista, completando o científico, com bolsa de estudos, no Colégio Jesuíta Diocesano. Planejava fazer o curso de jornalista ao terminar o ensino médio, tendo até fundado um jornal chamado *Folha Cultural de Piauí* com colegas de várias escolas. No entanto, optou por cursar medicina na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Piauí, em 1977, por ser gratuita. Sua inclinação para jornalismo o impulsionou a participar da fundação do jornal *Toco cru pegando fogo* durante a graduação.

Veio para o Rio de Janeiro em 1978 fazer a Residência Médica em Psiquiatria na UERJ. Ingressou, em 1984, no Mestrado em Medicina Social na UERJ, mas não defendeu a dissertação, tendo apenas completado os créditos. Logo após, foi trabalhar como bolsista na Colônia Juliano Moreira para a realização de um censo de pacientes e posteriormente contratado, junto com os demais bolsistas, para desenvolvimento de alguns projetos, frutos deste censo.

Em finais da década de 1980, foi para o Centro Psiquiátrico Pedro II, primeiro como Diretor do Ambulatório Central, onde conheceu Paulo Amarante e Luís Carlos Vanderlei. Logo depois, foi nomeado para Coordenador Geral de Saúde do CPP II, e assumiu a vice-direção da instituição em 1990. Ao deixar este cargo voltou a atuar como clínico, usando a literatura como terapia e criou o jornal *O Grito*, com os pacientes da enfermaria Espaço Aberto ao Tempo, junto com Luis Carlos Vanderlei.

Assumiu a direção do Centro Psiquiátrico Pedro II em 2000, cargo que ainda exercia durante a realização desta entrevista.

Sumário

Fita 1 - Lado A

Comentários sobre a importância do trabalho de história oral realizado com a pesquisa. A história de sua família, em Palmerais, Piauí; lembranças da infância, o trabalho do pai e o início de sua formação escolar. O curso ginásial no Colégio Americano Batista, em Terezina, Piauí; lembranças e casos, dificuldades e facilidades nos estudos. O ensino médio e a bolsa de estudos no Colégio Diocesano. Sua participação na fundação do jornal cultural *Gamma*; nomes de alguns colegas que participaram deste jornal como Arnaldo Albuquerque, Francisco Pereira e Paulo José Cunha. Não houve gravação no lado B.

Fita 2 – Lado A

A influência de Torquato Mendes em sua escolha pela área de Psiquiatria. A formação em medicina na Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Piauí, em 1977; sua participação como presidente do diretório acadêmico e no jornal da faculdade. A vinda para o Rio de Janeiro para fazer a Residência Médica em Psiquiatria, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), em 1976. A dificuldade de conciliação de suas atividades neste período; a militância política e os grupos de estudo. O mestrado no Instituto de Medicina Social, da UERJ, em 1984, onde cumpriu todos os créditos, mas não defendeu a dissertação. Suas atividades profissionais, as clínicas particulares em Tanguá, Jacarepaguá e Vilar dos Teles, no Rio de Janeiro. Comentários sobre o professor Robalino Tobodeti. Sua entrada na Colônia Juliano Moreira (CJM) para trabalhar com a realização de um censo entre os pacientes.

Fita 2 - Lado B

Continuação dos comentários sobre o censo e os recursos da Campanha Nacional de Saúde Mental. A criação do Hospital Jurandir Manfredini com o objetivo de tratar os doentes agudos e impedir novas internações na CJM. As circunstâncias da contratação dos estagiários que trabalharam no censo. A população composta de pacientes e moradores que invadiram o terreno da CJM. Os primeiros problemas ocorridos em consequência das mudanças implantadas na instituição. Comentários sobre a crise política entre os dirigentes da CJM. Sua nomeação como Diretor do Ambulatório Central, do Centro Psiquiátrico Pedro II (CPP II), em 1984. As internações irregulares nas clínicas privadas. A união dos três hospitais, Colônia Juliano Moreira, Hospital Philip Pinel e Centro Psiquiátrico Pedro II, para a criação dos pólos de internação e emergência psiquiátrica, com objetivo de dificultar as internações, principalmente nas clínicas privadas. O trabalho de Juarez Montenegro Cavalcanti como diretor do CPP II. As circunstâncias da nomeação do depoente como Coordenador Geral de Saúde do CPP II, em 1986. A intervenção do Ministério da Saúde no CPP II nomeando Dr. Pedro Monteiro como diretor, em 1988.

Fita 3 – Lado A

Comentário sobre o artigo de Jurandir Freire “*Faca no peito*”, contando a história do suicídio de um paciente do CPP II. Os conflitos causados durante a intervenção; as transferências de funcionários para outras instituições com o intuito de acabar com a resistência. A intervenção na CJM. Sua experiência como Diretor do Instituto Psiquiátrico Adauto Botelho (IPAB), no CPP II. O trabalho de Luis Wanderlei e Nise da Silveira na enfermaria do CPP II, no programa Enfermaria Aberta ao Tempo (EAT). As circunstâncias de sua nomeação como Diretor do CCP II, em 1989. A demissão dos diretores das unidades federais no governo do, então, Presidente da República Fernando Collor de Melo; relato sobre acontecimentos curiosos ocorridos durante seu mandato. A criação do Conselho Diretor no CPP II com o intuito de democratizar a instituição. A experiência de ensino na UERJ, em diferentes momentos de sua trajetória profissional.

Fita 3 - Lado B

O trabalho em 1991 no EAT usando a Literatura como tratamento terapêutico; o jornal *O Grito*, criado a partir deste projeto, que contava com a colaboração dos pacientes. A experiência de trabalhar com psicóticos no EAT.

Data: 24/05/2000

Fita 1 – Lado A

AB – Rio de Janeiro, Hospital Psiquiátrico Pedro II, entrevistado, Dr. Edmar de Oliveira, entrevistado por Anna Beatriz Almeida e Laurinda Rosa Maciel¹, no dia 24 de abril, de maio, desculpe de 2000. Fita 1. Então, Dr. Edmar a gente vai retomar aqui, agora, gravando e vamos conversar um pouquinho sobre a sua família. A gente sabe que o senhor é de Palmeiras.

EO – Palmeirais.

AB – De Palmeirais, no Piauí. Queria que o senhor falasse um pouquinho disso: a família é toda de lá, é os pais, quer dizer, como é que era essa coisa com seus avós, como é que era a origem familiar?

EO – Bom, a primeira coisa que eu quero saber de novo, é o nome de vocês que eu tenho uma memória muito ruim.

AB – É, Nathacha, Anna Beatriz e Laurinda.

EO – Porque... outra coisa que eu queria falar, antes de começar a falar sobre o que estão me perguntando, que eu acho que eu queira deixar isso marcado e é bom que fique registrado, gravado. É que para a minha memória e para mim essa é a coisa que... dificulta a história oral e ao mesmo tempo a torna muito bonita, é que para mim a memória não é um filme que você rebobina e passa ele de volta. Então, não existe nenhuma possibilidade de você falar do fato através da memória oral. Na memória oral eu vou falar de versões que se aproximam do fato, se distanciam do fato. E esse distanciamento do fato tem tudo a ver com o emotivo que está em você e com a sua vivência. Então, se você gostou daquele fato, você torna ele mais grandioso; se você detestou, você torna ele um pouco inferior do que ele foi realmente. Então, eu queira colocar isso claro para vocês porque pra mim, isso para mim não é um defeito, se a gente souber lidar com essa dificuldade da história oral...

AB – Não, não é.

EO – Ela é bela porque são versões, e eu acho que são versões. Inclusive a história escrita também são versões.

AB – Também são.

EO – E pior, inclusive a história escrita geralmente é a versão do vencedor, nunca tem a versão do cara que perdeu a batalha, então, a história oral por isso, mas levando em consideração isso: tudo é versão.

¹ A pesquisadora esqueceu de mencionar o nome de Nathacha Reggazine Bianchi Reis como entrevistadora.

AB – E a gente releva até a questão da objetividade e da subjetividade, né? Porque quando a gente questiona também que um documento também está sendo feito por determinada pessoa, num determinado momento, ele é tão subjetivo quanto um depoimento.

EO – Não tenha nenhuma dúvida com isso!

AB – Então, a linha da gente de trabalho, de história oral, é essa mesmo é de trabalhar...

EO – Eu queria marcar isso porque é importantíssimo. Eu já fui muito criticado porque eu sou uma pessoa muito apaixonada pelas coisas, então, é claro que eu tendo a aumentar. Eu tenho um defeito que é gravíssimo: eu defendo as coisas com paixão e quando eu defendo com paixão eu aumento, eu...

AB – Isso é uma qualidade...

LM – Mas isso não é defeito! (risos)

EO - Eu exagero nas coisas, sou exagerado nos gestos, eu sou exagerado nas coisas porque eu me apaixono muito pelas coisas, e a segunda questão para mim é uma dificuldade que eu diria do campo psicológico, é... eu não tenho memória cronológica! Mas é impressionante! Eu não consigo botar uma coisa na frente da outra, para mim elas aconteceram muito parecidas, não sei se é uma negação de...

LM – Do tempo que tá passando...

EO – Do tempo que tá passando, não sei se é isso, tem alguma coisa aí que não me deixa cronologicamente. Se você pegar o Domingos², vocês vão pegar, vocês vão ver como ele é cronológico, como ele é perfeito. Nunca eu conversei com Domingos que ele não tivesse me corrigido, “Edmar, isso é em [19]80, foi em [19]79, isso não é em [19]82”, essa memória eu não tenho, vocês me perdoem: eu não vou ter memória cronológica...

AB – Mas é para isso a gente tem o roteiro, para não ter memória cronológica.

LM – No que for possível a gente sana.

AB – E justamente, até um dia a gente estava conversando que o que a gente gosta na entrevista, é de dar vida ao que nenhum documento dá para gente porque eu tenho os Anais do Congresso, mas eu não quero os Anais do Congresso. Eu já tenho! Eu quero saber como é que você viveu aquele congresso porque o outro viveu de outro jeito, aí eu vou pegar você João, Manuel e Antônio, e eu vou criar outro congresso, não é o dos Anais. É um congresso revivido porque vocês vão reviver o que vocês sentiram lá, sabendo que você tá revivendo hoje. Então, essa coisa toda da memória do tempo presente, aí a Ecléa Bosi³, essa coisa toda

² O depoente se refere a outro entrevistado escolhido para a pesquisa Domingos Sávio do Nascimento Alves, que seria entrevistado em seguida.

³ A entrevistadora se refere ao livro de Ecléa Bosi. *Memória e sociedade – Lembranças de velhos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

é a linha que a gente entende também. Mas olha a primeira entrevista que a gente começa discutindo...

LM – Interessante, né?

AB – Esse nível de teoria.

LM – Isso nunca aconteceu comigo.

AB – Fantástico, estou...

EO – Impressionado com isso porque para mim isso é claríssimo, quando eu vejo uma história, o que me preocupa é quem está contando ela, de quem... é a versão daquela pessoa.

AB – Mas nenhum entrevistado até hoje....

LM – É, questionou isso.

EO – Aí tem as brigas, geralmente as brigas fantásticas: “Como foi? Foi desse jeito? Não, foi de outro. Não! Para mim foi desse jeito, para você foi daquele jeito, e foi de um jeito que nem é o seu, nem é o meu. É de outro jeito”.

AB – E que nunca vai refazer o cristal e nem é o nosso objetivo, nós somos historiadores, né?

EO – Então tá, você me pergunta da minha cidade...

AB – É, nascimento, se tinha muitos irmãos, família grande.

EO – Eu vim de uma família, vamos dizer assim... lá na minha terra, no Piauí, eu costumo dizer que... hoje eu nem sei se isso é verdade, eu estou muito longe de lá, mas na época que eu vivi, nós não tínhamos classe média, nós tínhamos ricos e pobres e eu sou dos pobres. E lá eu costumo dizer também, é uma brincadeira que eu faço: se você olhar para o piauiense e ele for gordo, é rico, se for magro é pobre, então eu sou dos pobres.

LM – Você é pobre porque é tão magrinho (risos)

EO – Porque parece que essa divisão era muito clara, você tem senhores, né? Então, sei lá, a minha família é uma família pobre, e a minha mãe é descendente indígena e meu pai é descendente de português, dos cristãos novos, dos Oliveiras e que... que se refugiaram, dos mais pobres que se refugiaram no sertão. O meu avô paterno, ele era tabelião, naquela época o tabelião não precisava ser uma pessoa formada, a pessoa tinha um curso secundário, que tinha um cartório, que herdava um cartório, então ele tinha certo status na cidade, o meu avô, é... é, paterno. O meu avô materno era magarefe, que que é isso? Não sei se vocês sabem o que que é isso, magarefe é um cara que mata o.... a criação que eles chamavam... que era o cabrito para vender no açougue. Ele distribuía a carne para os açougues, era distribuidor, então, era magarefe, ele matava... e assim, não sei minha paixão por essa coisa da... a minha

avó materna, sempre, paterna, sempre me quis muito, eu era o queridinho da vovó, sempre fui criado com avó por perto...

LM – Foi o primeiro neto?

EO – É... não.

LM – Não, mas....

EO – Não, sou o primeiro neto, mas acho que sou o primeiro neto masculino, tinham meninas. Eu sou o mais velho da minha família, mas tinha meninas, netos dela, tinha duas meninas eu acho e eu gostava muito de ir para a casa do meu avô pobre, que era uma casa de palha, uma casa que chovia, o barulho da chuva na palha me impressionava muito, e eu acordava cedo para ver ele fazer o café, e para ver matar o cabrito, eu gostava de ver aquele negócio, no quintal contava história, eu gostava muito dessa vida. Mas meu pai casa com a minha mãe, minha mãe é de uma família paupérrima: se meu pai que era tabelião e tal, minha mãe era muito mais pobre e assim, e indígena. Eu tive um... uma sorte de ter um amigo que era antropólogo que fez um estudo sobre os índios do Piauí. Não existem! Se você pega o Maranhão, tem muito índio... é, no Ceará, ainda tem, embora, em menos quantidade, na Bahia tem muito, em Pernambuco tem, no Piauí não tem índio, você não vê porque esse antropólogo meu amigo, ele fez uma tese, um estudo dele, em que ele provava que a colonização portuguesa no Piauí foi uma colonização muito pesada e... de Bandeirantes que fizeram um curral da Bahia, eles criavam gado que a terra não dava nada e tal e foi uma colonização para dizimar os indígenas. Foi Domingos Afonso na frente, Domingos Jorge de Oliveira, dois canalhas na história do Brasil e eles realmente dizimaram todas as tribos no Piauí. E o que acontecia era o seguinte: para sobreviver, os indígenas corriam e mudavam de nome, se embranqueciam, né? Então, os nomes são os mais disparatados possíveis de todos. Então, meu nome é Sousa com S, “É espanhol?”, eu costumo brincar “Não, é analfabeto” é que correram rapidamente, botaram um Sousa na mãe, que era o Sousa indígena, entendeu? Porque não era com Z que era o Souza Português, não era com S porque não sabia nem que se tinha o espanhol. Então, a história foi um corre corre, entendeu? Essa é a história da minha família materna, minha mãe sempre teve muito preconceito, não gostou disso, ela tinha o cabelo corrido e tal...

AB – E primeiro nome ela botou qual? Qual que ela escolheu?

EO – Primeiro nome...?

AB – Ela botou alguma coisa Souza.

EO – Ah, tá, não, aí, você tinha uma coisa no Nordeste que era fantástico você não tinha dúvida quanto ao nome que botasse.

AB – Não.

EO – Não. O meu é o mais sofisticado. Você pegava a folhinha e via que nasceu, minha mãe nasceu no dia de Santa Agda.

LM – Agda?

EO – Agda, se você chamar, você pega a folhinha dia 5 de fevereiro, Santa Agda, você coloca o nome da santa. O problema é que quando nascia...

AB – Uma menina no dia de santo de homem.

LM – Dia de Antônio é Antônia.

EO – Antônio é, então, bota, vira tranquilamente, problema é quando nascia no meu dia, que meu nome era para ser ou Felipe ou Tiago porque São Filipe e Tiago são juntos, no dia 11 de maio, são juntos... Então... essa é a história. Meu pai casa com a minha mãe e foi explorar no terreno da família, nas margens do rio Parnaíba que era no interior de Palmerais, Palmerais que fica hoje na grande Terezina, na capital, mas era uma cidade do interior, pequena e ele foi explorar esse comércio lá. E eu nasci lá, depois nasceu meu irmão Edvaldo e ele foi botando o nome de tudo com E, não sei porque, não tenho a menor ideia, já perguntei isso, mas não consegui entender!

LM – Com E?

EO – É, era Edmar, Edvaldo, Eliana, Ednaldo, Edna, aí variou nos dois últimos, Moisés, que era um nome dele, e ele bota no... no... último que era o caçula, depois nasceu mais um, ele botou Ana Néri, que é o nome das avós, das bisavós, não sei porque. Mas todo o resto com E, são sete, agora minha mãe teve 13 gravidezes e justamente os sete foram os que vingaram, porque era uma coisa de interior mesmo, que você não tinha assistência médica nenhuma, muita sorte, sorte. Eu me lembro que eu tive, eu já era grande quando uma irmã minha morreu com uma coisa boba hoje, que era uma comunicação interventricular. A criança nasce, faz uma cirurgia rapidinho só para vedar aqui do lado, e na minha cidade que eu morava com meu pai...

AB – Qual era o problema?

EO - Era uma comunicação interventricular...

AB – Interventricular?

EO – A criança tem normalmente, aquilo quando ele nasce, fecha, às vezes persiste aquilo.

AB – Você tem que fechar.

EO – Fechar, isso é uma operação boba, você faz hoje no útero.

LM – Mas que pode matar.

EO – Mata, mata porque o sangue venoso mistura com o arterial, vai contaminando e a pessoa vai ficando roxa... eu vi minha irmã morreu assim ela não ganhou assistência médica. Então,

eu costume dizer o seguinte: eu conheço a história desse país por ter que passar por todas as fases, do sertão. Vocês me cortam porque eu falo demais!

AB – Não, não, era o gravador só....

EO - Bom, meu pai tem essa, essa... nasceu com os irmãos depois ele muda e vai mudando, ele tinha um ideal de que os filhos estudassem, sempre teve. Ele não queria que as pessoas ficassem sem... depois ele vai morar no interior do Maranhão, eu vou fazer o primário no interior do Maranhão, numa cidade chamada Codó, que é uma cidade dos feiticheiros, no Maranhão, que até o Sarney freqüentava os terreiros de lá... É interessante. Uma cidade pequena, mas famosa pela produtividade porque assim como o Piauí é um estado que não dava nada, que é pobre demais, o Maranhão estava riquíssimo, já comércio com a Amazônia, comércio porque você tem uma plantação de arroz, você tem uma riqueza de terra. Tanto que meu pai que era um pobre no Piauí, quando ele muda para o Maranhão, ele consegue subir na vida. Ele foi gerente de uma empresa de transporte do ‘sul maravilha’⁴, quer dizer, que dirigia essa empresa lá, ele era vendedor de carro, meu pai teve um *Simca Chambord*⁵! Você não sabe o que é um carro assim! Muito chique, né? Uma *Rural Willis*⁶ duas cores, ele vendia muito isso, e a gente fez o primário. Eu fiz e meus dois irmãos fizemos o primário, em Codó, no Maranhão. O primário e eu começo o ginásio. Eu começo o ginásio e meu pai cisma de a gente ter que voltar para o Piauí porque a gente era piauiense e para Teresina, que era a capital e para os filhos estudar. E ele vai, ele não tinha como se desfazer de todos os negócios, e eu era o mais velho; de mim para o meu irmão, tem dois anos de diferença, isso aí eu tava no ginásio, ele não tava ainda, então, ele achava que ele tinha que privilegiar. Ele compra, ele tinha uma situação econômica já melhor nessa época, compra uma casa em Teresina, aluga uma casa geminada, eu me lembro dela como se fosse hoje, ele aluga metade da casa para uma irmã dele que é minha tia e me dá a outra metade da casa. Então, o aluguel era para me sustentar e foi a época que eu mais vivi bem na minha vida, tinha uma casa e eu tinha...

AB – Não, e um rapaz que tinha uma casa para si só.

EO – Para mim só, então, eu tava muito bem.

LM – Que beleza, hein?

EO – Eu estava muito bem nessa época. E fui estudar no colégio Batista que era um colégio famoso da época no Piauí, que era de americanos. Da cultura americana e eu estudava francês no [colégio] Codorna, e mudar para inglês que o colégio Batista era americano aquela história e tal, e eu sempre fui uma...

LM – Era um colégio bilíngüe então?

⁴ Essa é a forma como os nordestinos, de um modo geral, se referem à Região Sudeste e Sul.

⁵ Modelo de carro da indústria Ford dos anos 1950 e 1960, considerado luxuoso e próprio de classe social mais abastada.

⁶ Modelo de carro da indústria dos anos 1950 e 1960, considerado um carro utilitário.

EO – Não, não.

AB – Não, ele é que estudava francês lá no Codorna.

EO – Eu estudava francês, você tinha que estudar uma língua, quando eu vim para o Piauí eu tive que mudar no meio do ano para outra língua...

LM – Ah, tá.

EO – Matéria, matéria como inglês português, no [curso] secundário. Eu tinha uma questão comigo, o seguinte eu era uma pessoa sempre fui muito fraco muito franzino, eu tenho um filho que é muito parecido comigo, e eu tinha assim, eu tinha que sobressair para alguma coisa, então, não era no esporte não era na briga não era não sei o quê, era estudando, eu gostava de estudar, engraçado que gostava de saber, para mim era um domínio que eu tinha de alguma coisa, então, ensinar para um colega que aí me protegia, não me batia e eu ensinava para ele, era a vantagem que eu tinha, entendeu? Então, minha saída era essa, meu estudo também servia para isso, era assim, vai usar que instrumento que você tem?

LM – Era uma troca, né? Que você fazia.

EO – Eu acho isso tão fantástico, depois você vai estudar o Richard Rorche agora, ele vai dizer que a linguagem é um membro que você tem, você bate no outro com a palavra, como eu já usava isso sem saber.

LM – É, você usava isso na prática, mas não...

EO – Na prática, mas eu não sabia, fui saber depois, não tinha teoria nenhuma...

LM – Depois que você descobriu isso.

EO – Eu sabia que falando e xingando eu me saía muito bem, eu brigava com qualquer um, não tinha medo de ninguém.

AB - Mais a escola da vida tem teorias ótimas.

EO – Mais é interessante, né. Mais interessante uma teoria, uma teoria ótima, por que ela te prova também o que que é, te dá instrumental para tu saber, eu tava usando uma coisa que é belíssima que é a língua, que é a linguagem que é a verbalização, que é a palavra, o poder que ela tem de me sobressair e tal. Então, eu sempre fui bom aluno.

AB - E em matérias, que que você destacava como matérias que te encantavam.

EO – Olha, eu nunca tive facilidade para língua, era a matéria mais difícil era a língua, inglês, francês, era difícil demais, agora o resto para mim era assim, absolutamente normal, era algo assim, a matemática que para todo mundo era difícil nunca foi para mim, pouquinho mais que as outras mais não, geografia eu sabia o mundo todo, eu tinha, eu gostava do mundo de pegar o mundo com a mão de virar aquele globo decorar os países. Eu me lembro que uma

vez foi interessante que eu tava na aula de geografia e fazer aquele, bate, pingas fogo e tinha uma pessoa que gritou assim, a capital da Flórida, ninguém ia a Flórida naquele tempo, Flórida era um país, um estado americano escondido, um rabinho no Novo México, ninguém sabia o que que era aquilo. E eu vou lá e grito na aula, Miami, Miami por que eu sabia ler e aí me corrige um colega, quer dizer Miami, a professora, isso aqui não é aula de inglês, é aula de geografia ele tá certo. (risos).

É interessante que assim, as palavras, às vezes, apareceram antes da audição. Eu chamava Varing, era Varig. Eu sabia que era Freud e era Freund, então, as palavras minhas eram muito mais falhas que a audição, e ninguém falava aquilo para mim e eu já lia. Então, ela tinha uma revelação muito grande então, até hoje, eu olho para a Varig e tenho vontade de chamar Varing, Freund para mim dizer uma dificuldade enorme, o Freund, o próprio Freud, não sabia quem era, o cara, era engraçado que, às vezes, alguém sabia pronunciar, ah, não sabe quem é, eu sei quem é o cara mas não sei dizer o nome dele, e sei quem é (risos). Tu sabe dizer o nome mais não sabe quem é, que era interessante que fui pegando as questões da palavra, então, eu faço o ginásio, no colégio batista e depois eu vou estudar o científico na época, não sei como é que chama hoje, segundo grau.

NR – Ensino médio.

LM – Hoje é ensino médio. Ensino fundamental, de primeira a oitava e ensino médio, o segundo grau.

EO – Isso, então, eu fiz o Batista e pasmem, o outro científico.

AB – Científico.

EO – Eu fui fazer no Diocesano, colégio jesuíta. Jesuíta brabo, porque era o melhor colégio, só por isso. E o meu pai...

LM – Por que o que?

AB e EO – Por que era o melhor colégio.

LM – Ah, sim.

EO – Só por isso, meu pai já tinha vindo para cidade grande com todos os meus irmãos, família numerosa e aí eu tenho essa admiração por ele muito grande porque ele veio para gente estudar, só eu estudei; nenhum [irmão] meu quis estudar, dos sete [irmãos]. E o que é interessante é o seguinte: é que ele veio e a vida boa que ele tinha, aquela casa que ele tinha, tudo desapareceu porque ele se sacrificava saindo de um lugar que ele ganhava dinheiro para ir para um lugar que ele foi lutar e batalhar. Então, ele empobrece, empobrece muito. Ele tinha um comérciuzinho que hoje seria um armazinho, mais um armazinho de subúrbio de bairro, não era um armazinho. No comérciinho e gerenciava uma empresa de transporte mais era um salário que ele dava no interior era muito, aqui a despesa era maior então, a partir desses colégios que ele me paga quando eu chego, eu já concluo o científico e vou para o colégio de padres porque é o melhor colégio com bolsa de estudos, meu pai nunca mais pagou um centavo por que não precisou, e os colégios faziam, queriam me ter, por que isso era bom

para eles, o cara que estudava e olha não era, o que se chama hoje de cdf, não eu era uma pessoa que brincava, era malandro, pulava muro, jogava futebol, fazia tudo. Como eu disse para vocês anteriormente, esse saber meu era para usar com os caras, era um instrumento que o estudante tinha de ficar do lado contra os colegas, era dedo duro, de jeito nenhum eu fazia uma ótima? A maior safadeza, jogar bomba lá na escola, tudo eu fazia esse meu conhecimento era para usar noutro lugar, não era só para estudo, não. Bom, nós estamos no ginásio.

AB – No ginásio científico, agora desse científico do próprio ginásio tem algum professor que o senhor destacaria assim? Tem área de ciências alguém que marcou...

EO – Tem vários, eu vou dizer para vocês logo: eu não fiz medicina por nada disso não, eu fiz medicina porque era a única escola que tinha a matéria, os outros...

LM – Que tinha matéria?

EO – Que me interessava porque tinha lá odontologia, para você ser dentista, achava horrível e advocacia, para fazer direito, tinha medicina, vou experimentar essa porcaria, fui assim.

AB – Agora, era em Teresina. Era uma faculdade particular?

EO – Pública.

LM – Pública, ele estudou na [Universidade] Federal do Piauí, terminou em [19]77.

EO - Dificílimo de passar, difícilimo de passar.

AB – Concorrência altíssima...

EO – Mas aí nesse negócio de ginásio, estou terminando o científico, o científico, ginásio e tal, aí eu me meto na grande profissão que é a grande frustração, que era ser jornalista. Aí essa é a minha.

AB – Taí a paixão pela história, pela escrita.

LM – Pela escrita, pela pesquisa.

AB – Jogou em algum lugar aqui. Tinha que jogar em algum lugar, nãoé?

EO - Então, pego tudo para jornalismo, eu fui buscar, inauguramos uma folha cultural no Piauí e aí começamos a escrever o jornal. Isso eu e uma turma de alunos, de alunos, de colegas que tinham várias escolas e eles conseguiam gostar por que a gente conseguiu concentrar quem estava interessado em literatura. Era pouca gente: ninguém lia. Então, pouca gente que lia, a gente concentrou esse pessoal e fizemos um grupo; esse grupo chamou Gamma, porque Gamma era o jornal que a gente colocou por ignorância própria, por eles da Polícia Federal, do gamma, com dois, mas que parecia do Fidel Castro, que nem sabia que existia e era uma brincadeira nossa, nessa coisa do jornal. Da primeira edição até as últimas, nós fizemos

tablóides culturais em todos os jornais, mas o nosso passe era comprar o jornal, mas não podia que a gente não ganhava, mas é financiamento botar o que a gente queria e tal e eu tenho uma surpresa assim fantástica. No ano passado chegaram duas pessoas que me ligaram, dois jornalistas da Universidade Federal do Piauí, e que iam defender uma tese de mestrado aqui na...

LM – Escola de Comunicação.

EO - Escola de Comunicação da UFRJ, ali ao lado do [Instituto Philipe] Pinel. E eles me chamam, me ligou, “Eu queria que você viesse na minha tese de mestrado”, “Por que?”, “Não, queria que você viesse aqui e tal”, e eu vou lá e a tese de mestrado era a gente. Era o grupo que fez o texto...

AB – Que barato.

LM – Gente, que legal.

EO – Ele diz que nosso grupo revolucionou a imprensa do Piauí, a tese dele eu assisti...

AB –Antes e depois.

EO –Antes e depois. Era assim tipo a imprensa do Piauí era um diário oficial, publicava que dia que saía o salário, quem casou com quem, não sei o que e tal, e a gente entra na imprensa a gente muda a linguagem então, a partir dali a linguagem é outra embora a gente não continuou nem um de nós desse grupo era jornalista virou jornalista, nenhum, interessante.

AB – Quem que você citaria desse grupo assim, para gente guardar.

EO – O grupo nós temos, caso Carlos Alberto Galvão, que hoje trabalha no Banco Central, e é hoje muito meu amigo. Tem Arnaldo Albuquerque um dos maiores talentos do Piauí, cara que fez desenho animado, cinema, um cara que pinta que é uma maravilha, um cara que se perdeu, hoje é alcoólatra, internado no hospital psiquiátrico, ainda vive e fala alguma coisa mas se perdeu. Francisco Pereira um cara que hoje está na CPRM [Companhia de Recursos Minerais], é sindicalista, só vive em Brasília, não sei o que e tal. É, Francisco Gilberto, que é psiquiatra e está lá na Colônia Juliano Moreira. Quem mais? Ai meu Deus.

AB – Ah, já está bom, tá muito legal, era só para...

EO – Aí é o seguinte, Duvalino Couto que é um poeta, do Piauí, esse é poeta e é publicitário, Paulo José Cunha que é jornalista lá em Brasília, esqueci esses dois, portanto.

LM – Um virou jornalista.

EO – Um foi jornalista.

AB – E outro virou publicitário.

EO - E o outro virou publicitário.

LM - Dr. Edmar isso foi antes da faculdade?

EO – Isso tava junto, já tava junto.

LM – Já tava na faculdade.

EO – Eu lhe disse que a minha memória... Eu começo o científico, faço o científico e já entro na faculdade, já estou dentro. Quando eu já estou na faculdade, que eu fiz faculdade no Piauí, fiz faculdade porque hoje em dia isso já, porque era a única que eu fui experimentar se prestava para alguma coisa porque eu não queria, queria jornalismo. Não tinha lá, e a gente não podia sair, não tinha dinheiro, não tinha como ficar fora, e foi, fiz faculdade pública, fiz vestibular, difícilíssimo, tirei em 12º lugar no vestibular. Foi uma participação muito boa, sem estudar nada e eu era passava, eu fazia o seguinte: eu consolei todos os que perdiam, a prova era eliminatória, primeira prova, e eu saía para tomar cachaça com todo mundo que era reprovado e eles fizeram prova no outro dia e aí passavam. Segunda prova, eu queria ser reprovado, mas não dava certo, e ia passando, terceira prova, então, era assim, dias que não me esforcei, não estudei não, isso é interessante porque meus filhos, estão tendo... dois filhos na faculdade, [um] faz história e o outro faz geologia, porque foi uma coisa temporalizada no ensino básico. Esse é que é o ensino que você tem que dar esse é que é o ensino bom, você faz uma boa base, você faz um bom segundo grau, o resto se resolve, não precisa você, fazer um cursinho, não. Você tem uma base. Segundo grau, que eu digo assim, segundo grau sério para você entender porque a, porque você não pode botar uma garrafa cheia d'água na geladeira tampada até em cima porque senão vai estourar. Meu empregado não teve segundo grau, vai quebrar tua garrafa, não tem jeito, isso é segundo grau, segundo grau te dá regra e compasso para a vida. Então, então isso, eu fiz essa questão do...

Data: 31/05/2000

Fita 2 - Lado A

AB - Entrevista com Dr. Edmar Oliveira, entrevistado por Anna Beatriz Almeida e Nathacha Regazzine no dia 31 de maio de 2000, é a fita 3⁷. Então, Dr. Edmar retomando nosso bate papo, que é... a nossa entrevista tá tão interessante que tá virando um aprendizado mesmo, a gente tá entrando na sua formação universitária, o senhor já tinha dado uma explicada para gente por que medicina porque faltava uma faculdade de jornalismo, hoje comunicação, e aí a gente queria entender como é que foi o dia a dia dentro dessa universidade, o que que era primeiro uma Universidade Federal do Piauí, quer dizer, no contexto onde o Nordeste, a Bahia e Pernambuco tinham um certo destaque, então, que o senhor contasse para gente o que era esse cotidiano da medicina no Piauí.

EO – Vou pegar um pouquinho atrás.

AB – Pegue, pegue sim.

EO – Que eu tinha acabado naquela história do jornalismo, não sei o que e tal e deixei no ar um nome que eu acho importante que é Torquato Mendes. Na verdade, foi o seguinte, a gente descobriu Torquato, Torquato descobriu a gente. Foi uma descoberta mútua. Ele passava férias no Piauí, e a minha convivência com ele foi muito pequena, foi entre... ele tinha 25 até 27 anos, e eu só consigo me lembrar dele mais velho do que eu, dá [uns] 50 [anos] acho que ele tem 50. Mas, foi pouca convivência, ele tava numas férias e esse grupo nosso foi fazer uma entrevista com ele. E a gente sabia tudo dele e ficamos surpresos com isso, foi uma surpresa agradável e terminou vindo a participar do nosso grupo. Mas, aí o pessoal conviveu com ele dois anos, pouco tempo, passou uns dois três meses no Piauí, quatro meses, e logo, logo ele se suicida, então se suicida o Torquato, e Torquato, foi um dos caras que como tavam na faculdade nessa época, já tinha entrado por aquele e motivo...

AB - Isso.

EO - Que eu já havia falado para vocês e eu tinha também uma história de vida muito junto lá o marxismo, comunismo e eu queria fazer a faculdade então, era uma especialidade ligada a isso, seria Saúde Pública ou Epidemiologia lá.

AB – Tinha que ter gente.

EO – Tinha que ter gente.

AB – Gente pobre.

⁷ Embora a entrevistadora diga Fita 3, é, na verdade, a fita número 2.

EO – Isso, gente pobre. E Torquato me despertou para uma coisa que eu não tinha idéia, que era a psique. Eu acho que, já na perturbação dele, ele consegue me ensinar essa preocupação com a psique e falou porque que eu ia fazer psiquiatria, que era coisa tão importante, que era um lugar que eu podia ter uma riqueza enorme e realmente eu me arrependi, passei dessa parte me deu esse compasso e eu fui ver fui ver essa coisa, Freud e tal.

AB – E tinha esse espaço dentro da universidade?

EO – Tinha.

AB – Tinha? Com quem?

EO – A universidade do Piauí era uma universidade que eu sou terceira turma, era muito recente, e era uma universidade muito boa de formação, muito boa. É evidente que a parte da psiquiatria orgânica institucional, era muito maior do que a outra parte, mas tinha um campo para discutir outra parte sim. Ele tinha um professor que foi fazer formação na Espanha com Lopes Lisboa, então ele tinha essa noção da coisa da psiquiatria, foi importante ter ele como professor. Uma outra especialidade que eu gostei muito foi pediatria também por causa do professor que deixou eu fazer uma atividade não muito rotineira. Nós trabalhávamos em comunidades e tal e eu gostei muito dessa experiência também. E aí eu fiz faculdade no Piauí, o tempo todo ligado nessa coisa do jornalismo quer dizer, dentro da escola, num diretório acadêmico, fui secretário do diretório que fazia um jornal do diretório.

AB – Novidade.

EO – Novidade. (risos)

EO - Então, nós fizemos um jornal, muito engraçado para época; ele é todo manual, e foi um jornal que foi assim, dos mais fantásticos, que assim, eu tenho um amigo...

AB - O senhor tem a coleção toda?

EO – Eu tenho um amigo que tem, eu perco tudo é tanto...

AB - É possível a gente conseguir microfilmar?

EO – É, é sim.

AB - Porque o senhor sabe que a gente tem um acervo histórico, e a questão do ensino ela é um dos pontos chaves do nosso trabalho, a formação e o ensino no Nordeste nos é muito falho em documentação.

EO – Ah, legal.

AB - Então, se a gente pudesse fazer o contato com ele a gente mandava a verba para microfilmar, fazer...

EO – Faço um negócio para vocês, sabia que tem essa coleção toda é um jornal manual na época não tinha máquina de escrever mesmo, não tinha computador e tudo, era recortado a gente fazia isso e eu me lembro que era assim. Ele chamava muita atenção porque a gente brincava com as pessoas que faziam medicina, e a gente sabia que aquele pessoal ia ser realista do piauiense, tinha certeza disso. E a gente brincava, na faculdade tinha uns amigos que era o Edberto que hoje é psiquiatra na Colônia Juliano Moreira, e o Chico Alves que hoje é um oftalmologista em Brasília, então, e minha mulher que era Marcelina que era uma, ela hoje é patologista aqui no [Hospital] Salgado Filho. Então, e tinha mais uma outra menina acho que era Alda que hoje é uma patologista na Bahia, e a gente tinha um grupo dentro e eu saio daquele grupo de jornalistas e continuo mantendo contato com eles, mas na faculdade eu tinha que ter outro grupo... e esse grupo faz esse jornal, e esse jornal foi muito interessante que tinha uma piada numa, bem, bem vamos dizer assim, popular no Piauí, que era assim: você falava em pressa, numa frase para você cai naquela frase, então, assim, o nome do jornal foi esse, foi interessantíssimo que ele foi falado com o Heitor para permitir que esse nome existisse, nome do jornal de brincadeira era *Toco cru pegando fogo*.

AB - Ah, fala rápido isso.

EO – Pois, é, fala rápido isso dá uma situação...

AB - Vexatória.

EO - Vexatória. (risos) Esse era o jeito de fazer, era uma piada realmente, e nós... passou pelo Heitor, toco cru seria a juventude pegando fogo, seria a chama... do saber.

AB - Do saber.

EO – E nesse jornal nós exploramos já essa elite que ia se formar no Piauí, eu tenho colegas que fizemos entrevistas com eles que foram secretários de saúde, e tal. E eu lembro que a gente fez uma brincadeira que era super interessante assim, você se acha alienado? Por que a gente sabia que as pessoas não sabiam o que era alienado. Então, respostas interessantíssimas! Me lembro de uma resposta que um colega falou, “claro por que procuro me informar bem”. (risos) Aí eu falei “ao contrário, é o inverso do que seria”.

AB - Inverso.

EO – Isso é interessante, porque saber como é que era aquela turma e como é que fazer, fazer aquilo e nessa época eu continuava fazendo jornal fora também da faculdade, jornal dentro da faculdade e fui me interessando por essa área dentro da psiquiatria.

AB - Da psiquiatria.

EO – E logo, logo fui dar plantão no terceiro ano; fui dar plantão no hospital psiquiátrico de lá, mas aí eu descobri uma psiquiatria que não era a que eu pensava. Uma psiquiatria muito ruim, uma psiquiatria tradicional, toda a prática que eu pensava em descobrir que era a prática da psicanálise, nada, nada, aquilo era só...

AB - Esse hospital psiquiátrico era um hospital bem tradicional?

EO – Absolutamente, absolutamente tradicional, com choque elétrico.

AB – Eletrochoque, medicação pesada.

EO – Insulina, medicação pesada. Era uma coisa muito violenta...

AB - E os pacientes muito...

EO – Muito reprimidos, muito.

AB - Idiotizados.

EO – Idiotizados, eu fiz alguns grupos lá. Eu comecei a fazer grupos, que eu não sabia nem o que era, mas eu já estava fazendo grupos em outro lugar, com outros pacientes e tal, mas muito ruim em termos de eu fiquei frustrado. Na verdade, foi uma frustração muito grande pelo que eu estava esperando.

AB - E era um hospital psiquiátrico particular?

EO – Não, era público.

AB - Público.

EO – Aerolino de Abreu, era público.

AB - E hoje tá um pouquinho melhor?

EO – Não, acho que tá muito ruim ainda.

AB - O processo, assim, de tentar...

EO - É muito interessante...

AB - Quebrar não chegou lá, quebrar...

EO – É, é como você me perguntou, essa universidade ela veio do Piauí, porque o Piauí é especialista, isso é muito interessante, não tem indústria, não tem agricultura porque ele não tem terra, ele não tem indústria, porque não tem empresário e não dá nada na terra. Então, as universidades, todas elas foram muito boas, tanto as de direito quanto as de odontologia e as de medicina.

AB - Se profissionalizou.

EO – Em serviço.

AB - Pelo ensino, em serviço.

EO - Em serviço, hoje o Piauí tem uma das melhores medicinas do Nordeste. Eu diria que melhor que a do Ceará e muito melhor do que a do Maranhão. As pessoas nestes estados vão ao Piauí fazer medicina ou se tratar nesta medicina, quer dizer, estão precisando dos serviços, então, é interessante o descompasso que tem em psiquiatria.

AB - É, num momento desse, a psiquiatria poderia ter tido...

EO - Exato, exatamente, não teve, não teve era muito organicista, era muito, porque a medicina privada também tem isso, e a psiquiatria...

AB - Quer dizer, fala para mim, na sua época quem é um dos médicos psiquiátricos que o senhor convivia sendo residente? Eram pessoas, não quero nomes não, só quero saber o seguinte...

EO - Não.

AB - Eram pessoas de formação tradicional...

EO - Eu me lembro desse que era um profissional, mas sabe foi professor por pouco tempo que era o ??, que fez é psiquiatria com Lopes ?? que é uma figura conhecida na Espanha e ele teve influência sobre mim bastante. Os outros eram muito ruins, muito ruins, todos os outros eram muito tradicionais e muito, uma das coisas que mais me chocavam era aquela aula prática que ainda se faz.

AB - Ainda tem no Pinel, não é?

EO - Se expõe o paciente publicamente numa turma para dizer, olha ?? dele e tal.

AB - Não admito que ainda tenha isso.

EO - Aquilo dali foi uma coisa que me chocou muito, e aí eu resolvi que eu vinha morar no Rio de Janeiro. Eu não resolvi fazer especialização aqui, primeiro não me cabia a psiquiatria não, no Piauí não me fascinava.

AB - E teve assim, uma psiquiatria clínica ou só o senhor não chegou a pensar.

EO - Não, nunca pensei nisso, nunca. E eu resolvi que eu vinha para o Rio [de Janeiro], a outra questão também é que como eu era pessoa muito conhecida na cidade, com essa minha prática de jornalismo e tal, eu era uma pessoa que usava o cabelo grande e na época todo mundo usava, em questão, e eu me lembro que eu tinha um tio, um tio da minha família que meu pai era pobre, todo mundo era muito pobre e eu tinha um tio rico, que tinha um comércio, uns prédios numa cidade e tal e um dia ele me chama, eu tava na faculdade e ele me chama e disse que queria que eu não escrevesse mais no jornal, porque eu tava difamando o nome da família. Ele não aceitava essa coisa e eu agradei a ele e ele me prometia uma mesada se eu largasse o jornal; eu agradei a ele, não larguei o jornal, agradei a mesada e passei a

assinar os meus artigos nos jornais com Edmar vírgula sem sobrenome, eu só tirei o nome dele que tava...

AB - Preocupado.

EO – Preocupado com ele, fiquei com esse sem sobrenome. Bom, eu resolvo que venho morar no Rio, eu resolvi que eu vinha fazer residência no Rio, eu fui para UERJ, e na UERJ eu não consegui uma vaga na residência, era um negócio muito concorrido. Era uma coisa, não era concurso, eram entrevistas que decidiam, os professores já tinham seus alunos, eu lembro que vim eu e o Edberto...

AB - Era muito por indicação.

EO – Isso, vim eu e o Edberto, esse meu amigo, e ele tinha uma irmã que já fazia medicina aqui e psiquiatria, e nós dois fomos indicados por ela para fazer. Ele foi fazer residência e eu não passei na residência, mas o Dr. Cláudio Macieira, que foi da DINSAM [Divisão Nacional de Saúde Mental] depois nós brigamos. Depois essa história vai aparecer lá na frente, ele me convoca, porque ele gostou da minha entrevista ele me convoca para fazer o curso de especialização na UERJ, era a mesma residência, a única diferença é que não tinha dinheiro, mas não tinha dificuldade ??.

AB - E como é que o senhor fez para se manter?

EO – Pois é aí foi, foi, aí foi uma confusão. Essa irmã do meu amigo...

AB - Edberto.

EO – Tinha acabado de se formar, de fazer a residência e tava voltando para o Piauí. Então, ela passa o apartamento dela, uma kitinet em Copacabana, Rua Raul Pompéia, e fica morando eu e minha mulher, que já era casado. Eu casei no Piauí, o Edberto e a mulher dele que veio para a kitinet, mais o Welington, que é da fundação que é professor do mestrado da fundação hoje e a mulher do Welington, que era piauiense também. Então, ficamos seis num apartamento, numa kitinet, assim, qualquer relação mais íntima, dois casais tinham que dar uma volta, tinham que sair.

AB - Botava um lencinho assim no meio, lencinho branco, proibido e liberado.

EO – E eu me lembro que, era a minha mulher foi fazer residência no [Hospital Municipal] Jesus, e ela ganhava dinheiro e o Edberto ganhava dinheiro e ela ganhava dinheiro. Eu e a mulher dele não ganhávamos dinheiro. Então, a gente vivia à custa deles dois! Eu me lembro que a Marcelina me dava, Marcelina minha mulher, ela me dava um dinheiro para mim comer e pegar o ônibus. Na época eu me lembro que tinham dois ônibus que iam para casa, era o 455 e o 456 que vinha aqui no Méier e passava na UERJ e vinha para casa. Um era mais barato que o outro, só que o que era mais caro alguns centavos passava toda hora e o outro, eu tinha que esperar o outro, se não, não dava no final do mês se eu não tivesse aquele dinheiro, se eu não economizasse.

AB - Aquele dinheiro.

EO - Então, foi uma vida muito dura, uma vida muito difícil, mas que me fez crescer muito. Eu não me arrependo, eu nunca pedi nada para casa de meu pai, não tinha, nem que eu pedisse não tinha mesmo para dar e eu fiquei aqui enfrentando essa situação de dificuldade.

AB - Me diga uma coisa, você tá me falando de um momento de sua vida em pleno anos [19]70.

EO - [19]76.

AB - 76, né, 75.

EO - Eu faço a faculdade 70, 76. 76, 77, 78 eu faço a residência.

AB - E como é que foi você com esse movimento é... da questão mesmo da ditadura e da tentativa das pessoas de se manifestar e expressar sua opinião; é... quer dizer, como é que é você neste contexto, sendo uma pessoa, primeiro com ideais e segundo com paixão pelo jornalismo. Você se engajou?

EO - Olha, eu nunca consegui um engajamento partidário, eu tive sempre uma dificuldade com o partido depois que eu fui estudar psiquiatria que eu fui entender o que era partido, é... parte eu sempre gostei do todo, nunca goste da parte. É uma dificuldade, é uma dificuldade muito grande me enquadrar naquela coisa, então, eu vou fazer participação política já quando a coisa acabou, a ditadura, mesmo, foi quando o PT se funda, que eu entro no PT, como o fundador no Rio de Janeiro do PT, como pessoas que, ajudei a fundar o PT no Rio. Mas nunca deu, nunca deu esse impasse então, eu tinha críticas a ele, eu procurava andar informado, tinha que ser estudo marxista, eu estudava muito, eu lia muito sobre isso.

AB - Círculo de leituras, isso você fazia.

EO - Fazia muito, é veio um grupo do Piauí para cá e eu fiquei ligado a esse grupo até hoje, sou ligado a esse grupo, o Dalton, ?? veio para cá o Pereira que tava ?? veio para cá então, nós tínhamos um grupo aqui, e tinha gente daqui que eles conheciam esse meu amigo veio com o Torquato, e o Torquato trazia ele se mata em seguida, ele ficou sem pai aqui por que o Torquato se mata. E ele tava com Carlos imperial fazendo aquelas ?? imperial e aí conheci o ?? e a gente começou a fazer um grupo de estudos que hoje tem muitos amigos aqui que não são piauienses que esse grupo introduziu, esse grupo de estudo como se diz. Tinha quase assim como quase um estudo universitário em casa, mantinha essa prática. E por outro lado eu trabalhava na psiquiatria, eu conheci na época o Jurandir Freire Costa que foi uma pessoa que também marcou muito a minha vida, tem o Joel Birman, né, e Paulo Pavão e Cláudio Macieira, quer dizer, é interessante que são quatro pessoas hoje em cantos opostos. O Jurandir e Joel num canto, Pavão e Macieira noutro canto, naquela época eles mesmo misturavam eles tinham lá divergências, mas eu num notava muito, né o Jurandir sempre ligado a psicanálise e o Pavão ligado a questão marxista, um psiquiatra, vamos dizer assim, mais ligado as coisas marxistas. E eu ficava muito um pé aqui e um pé ali, um pé aqui não tinha decisão para essas questões, né. Uma das coisas assim, eu digo hoje com todas as letras, que o marxismo embora

tenha me ajudado bastante ele me atrapalhou muito na minha carreira, o marxismo praticamente me inviabilizou a uma dedicação a psicanálise, por que a psicanálise era tida pelo marxismo como uma assistência burguesa com o saber burguês, ??não se admitia então, eu não tinha, eu não tinha liberdade para entrar na assistência então.

AB - Toliu?

EO – Toliu, fiquei sem muita força para ir e fiquei então, numa hora nesses dois campos, uma hora eu tava vendo essa coisa da psicanálise, outra hora eu tava no marxismo...

AB - E na própria residência mesmo, desse curso de especialização que na verdade foi a residência do senhor.

EO – Isso.

AB - É, o contato com a psicanálise se dava com o Jurandir [Freire Costa] ...

EO – Se dava, se dava.

AB - Ele dava em aula.

EO – Dava aula, já dava, já dava. Só que eu não me enveredava no caminho por que para psicanálise tem que fazer uma formação, você tem que ser analisado e isso para mim era uma violência, né, que hoje não é, mas eu acho que perdi tempo nisso. Por que o outro lado me chamava para coisa mais politizada que tem que ser as massas, que tem, é eu tenho uma clareza disso tão grande que eu acho muito interessante, são dois campos de saber que não tem como eu queria juntar esses dois campos e eles são impossíveis de serem juntos. Num, vamos dizer assim, no social, no marxismo você vê uma floresta, e você não consegue enxergar a árvore. No outro você vê a árvore mais não consegue enxergar a floresta, então, você tem que andar de um para o outro mesmo não dá para juntar os dois num só por que não tem possibilidade nenhuma hoje eu tenho claro para mim isso, isso foi bom, de qualquer forma, entender que quando eu me dedicar a árvore, eu perco a floresta de vista. Quando eu me dedicar a floresta, eu perco a árvore de vista. Isso é muito interessante a gente pensa.

AB - Visualiza, né.

EO – Visualiza a qualquer coisa, por que qualquer saber desse saber ele tem uma coisa que é reducionista, e o reducionismo é uma coisa que é ruim, mas metodologicamente não tem como você escapar dele.

AB – É inviável não usá-lo.

EO - Você tem que reduzir para poder metodologicamente superar alguma coisa, então, não tenho dúvida que esses dois campos me fizeram bem. Bom, aí se eu estou nesses dois campos, mas digo, com vontade, mas a questão do coletivo, social do que o individual, é... eu fui fazer o mestrado nas ciências sociais.

AB - Já era o Instituto de Medicina Social?

EO - Já era o Instituto de Medicina Social, terceira turma também.

AB - Quem te orientou?

EO - É, foi Hésio Cordeiro que foi o diretor lá do instituto...

AB - Do IMS.

EO - Eu não defendi a tese de mestrado.

AB - Eu vi, o senhor concluiu, os créditos.

EO - Eu concluí os créditos.

AB - Explica, que doidera.

EO - Vou explicar. (Risos) É eu fiz o curso de mestrado, fui para o terceiro ano, foi um mestrado muito bom, eu aprendi muita coisa nesse mestrado foi fantástico, mas assim, e eu estava com um trabalho também que eu tinha que me sustentar. Eu trabalhava muito...

AB - Em que você trabalhava?

EO - Em clínica particular, eu não devo ter colocado no currículo...

AB - Não, não precisa nem colocar...

EO - Porque eu não boto, eu não boto, para mim isso não é curriculum, essas coisas. Eu só fiz desaprender nesse lugar.

AB - Isso foi, como é que a gente pode falar um meio de subsistência. (risos)

EO - Meio de subsistência. A primeira clínica que eu vou trabalhar é em Tanguá, que eu tinha um amigo que era professor, era fluminense, que era do Piauí, vinha fazer, tinha o dono que era professor, não era uma clínica tão ruim, não hoje ela ainda existe eu não sei como ela está, mas ela está em Tanguá, Tanguá.

AB - Tanguá é em Jacarepaguá, né?

EO - Não Tanguá é Itaboraí.

AB - Ah, Itaboraí.

EO - Já vizinho a Rio Bonito.

AB - Nossa senhora!

EO – Deixa eu explicar para vocês: logo que eu arranjo esse emprego em Tanguá, foi em [19]78 eu acho sim, ou 77 eu não me lembro; um dos dois anos. Quando eu tenho um dinheiro a mais eu consegui alugar um apartamento para mim e minha mulher, eu saí da kitinet. Saí daquele, daquele, fiquei lá uns anos só, eu consegui sair dali. E aí fui morar no centro da cidade que era mais barato o aluguel e morei ali perto do IML [Instituto Médico Legal], na Mem de Sá, era [Rua] Ubaldino do Amaral, com a Mem de Sá. Era esquina, e eu fazia o seguinte: eu pegava um ônibus para Praça XV, pegava a barca para Niterói, pegava um ônibus para rodoviária de Niterói e um ônibus para Tanguá. Então, seriam quatro transportes para chegar a Tanguá às 7:30 da manhã e então, saía de casa às 4:30 para trabalhar, no plantão. Foi o primeiro emprego que eu consegui e lá em Tanguá, eu tinha uma certa liberdade... também os donos, um dos donos era um cara que era professor da [Universidade Federal] Fluminense, era um cabeça mais aberta...

AB - Você lembra o nome dele?

EO – ...tava fazendo um trabalho. É Wilson Câmara, que ainda existe e ainda é professor da Fluminense.

AB - Seria uma pessoa interessante para eu conversar sobre essa geração antiga? Que pegou os anos 70?

EO – Ele não tava em Niterói, mas eu acho que ele tem informação; o campo dele era em Niterói.

AB - Sei.

EO – Bom, aí eu faço essa clínica em Niterói, depois eu arranjo outra clínica em Villar dos Teles, também ônibus e mais ônibus, fui assaltado em ônibus, é uma vida dura de...

AB - Peão.

EO – De peão. Eu fiz assim, eu to fazendo o circuito rural, até chegar no Rio [de Janeiro] não é?

AB - Isso, você tá pelas bordas.

EO – Pelas bordas e aí depois eu arranjei por esse mesmo amigo meu, consegui outro emprego. Esse [era] bom, muito melhor que esses outros, foi na [Clínica] Santa Julião, que hoje é uma clínica que é da área aqui nossa, a gente aqui encaminha pacientes para eles hoje. Santa Julião é uma clínica de freiras com o professor Robalino, já é uma coisa mais...

AB - Professor?

EO – Era professor, mas era o cargo. E, ah, depois aconteceu uma coisa fantástica, a história do Robalino eu vou contar para vocês.

AB - Como é que era o nome dele?

EO – Robalino Trabodeti.

AB - Robalino, tá.

EO – O Robalino era um dos piores médicos que eu conheci na minha vida; ele até hoje é lembrado aqui no Engenho de Dentro, foi médico aqui e do Méier, porque o Robalino fazia uma coisa que depois eu descobri, foi onde me ensinou muito, eu aprendi muito com ele. Que era o seguinte: ele fazia uma aliança com a família, ele não tratava do paciente, ele tratava o que a família queria. Então, ele tinha uma clientela excelente e depois eu vou chegar lá que eu vou contar para vocês porque eu nunca tive consultório, porque eu acho que eu sempre me apaixonei pela psicose, pelo psicótico, e o psicótico não tem dinheiro e nem gere a vida dele. E você tratar o psicótico, se você não tratar como a família quer, ela não te paga, ela tira ele de você. Então, eu acho que com o psicótico só, o público não tem saída e isso, Robalino me ensinou ele tem que fazer uma aliança com a família para tratar, tinha uma clientela extraordinária.

AB - E isso era o contrário do que você queria.

EO – E eu via que era o contrário. Bom, mas aí eu consigo uma foto com o Robalino, da formação dele, ele gostava muito de mim e ele me dá uma foto e nessa foto era a formatura de uma turma de Pernambuco, ele era pernambucano, e nessa foto me aparece uma figura impressionante que eu já tinha visto falar dela assim aqui, assim, acolá, mas não sabia quem era direito, que era Nise da Silveira, se formaram juntos.

AB - Da turma da Nise.

EO – Da turma da Nise, interessantíssimo.

AB – Ele fez lá da medicina de Pernambuco.

EO – Isso. Então, engraçadíssimo, um vai para a direita e outro para a esquerda, então, eles são extremos, extremos, absolutamente extremos.

NR – Morreu quando ele?

EO – Faz tempo, Robalino morreu, muito antes da Nise, uns dez anos [antes] da Nise. stop

AB - Quer dizer, com a mesma turma de Pernambuco que não tinha tradição nenhuma.

EO- Não, tinham, tinham.

AB - Tinha? Que a tuberculose eu sei que ela tinha, em tisiologia ela tinha uma boa tradição.

EO – Tinha, tinha o pessoal da Bahia e da, tinha uma tradição, era muito ligada a Bahia, tinha o Luís Fernando Câmara que era um cara que ele tinha um contato lá dentro e tal.

AB - E a questão do alcoolismo é interessante.

EO – É.

AB - Trabalhar a questão do alcoolismo, com a loucura, né.

EO – Então, eu tive contato com a Nísia trabalhando na Bahia, interessantíssimo não tinha não tava no público e tal e eu to fazendo, trabalhando e fazendo mestrado quando foi defender a tese eu tinha que largar tudo, por que nessa época eu já tinha conseguido o emprego público. Agora vamos falar desse emprego público.

AB - Hum, tá, emprego público.

EO – É, eu tava na UERJ, e trabalhava numa clínica na Baixada Fluminense em Vilar dos Telles, e aí to com três empregos.

AB - É.

EO – Vilar do Telles, Tanguá, e...

AB - Santa Juliano.

EO – São Julião. Para tentar sobreviver, minha mulher com dois empregos, cinco empregos e dois médicos tentavam viver não era coisa boa não tinha carro, andava de ônibus e tal. Então, fazia mestrado e já to terminando o mestrado quando... Acabou a fita?

AB - Acabou? Então, vira.

EO – Estou acabando o mestrado quando há um convênio entre o IMS e a DINSAM que era a, o órgão da divisão de saúde mental para fazer um planejamento dos hospitais da DINSAM, nessa época o diretor da Colônia Juliano Moreira era um Heimar Camarinha, que era com quem eu trabalhei em Vilar dos Telles. Era médico assistente eu era plantonista lá em Villar dos Telles, então, eu conhecia muito o Heimar.

AB - Como é que é o nome?

EO – Heimar, com H. Heimar Camarinho. Ele era o diretor da Juliano Moreira e aí eu tive uma pequena divergência, isso me influenciou muito para mim não defender a tese com Dr. Hésido Cordeiro. Eu queria entrar, eu, lembra que eu tava fundando o PT, militando ao PT.

AB - Tudo junto.

EO – Tudo junto, emprego...

AB - Dormia alguma hora? Dormia?

EO – Aonde?

AB - Na vida assim, tinha hora para dormir?

EO – Muito pouco.

AB - Almoçava?

EO – Não.

AB - Tomava café da manhã?

EO – Nada disso, tomava um copo de leite de manhã, saía correndo, um sanduíche, chegava de madrugada em casa, era muita atividade. E como eu to também num trabalho político sério que era o PT na época, e eu trabalhando como médico e saúde e tal e eu queria entrar na Colônia e não tinha concurso e eu queria entrar pelo projeto do Hésido Cordeiro.

AB - que aí seriam bolsistas né.

EO – Seriam, bolsista. E o Hésido me chama para me dizer assim, “você não é amigo do Heimar, ele te contrata”, quer dizer, o que que o Hésido tá me propondo abrir essa vaga para mais um, mais aí era uma violência tremenda, essa contratação sem concurso e eu não aceito esse tipo de ??

AB - não aceitou a bolsa do seu tio vai fazer contratação sem concurso.

EO – Não, não aceitei essa contratação, mas eu consegui com o Heimar que ele criasse um outro projeto que não era ligado a UERJ mais um outro projeto, que foi um projeto é para Colônia Juliano Moreira, estava trabalhando com o Heimar um médico que já faleceu, depois eu conto a morte dele que foi aqui nesse hospital, foi muito meu amigo, Valnei Ferreira de Moura. E Valnei, então, pregando a bandeira de não contratar as pessoas, não trazer bolsista para desenvolver um projeto da Colônia diferente do IMS.

AB - Hum, hum. Do IMS.

EO – IMS era questão de levantamento de dados epidemiológicos e tal, o do Valnei, não. O do Valnei era para fazer um diagnóstico, um censo dos pacientes da Colônia, um censo, né.

AB - O senhor me diga uma coisa essa divergência com Dr. Hésido com relação ao convênio IMS e DINSAM, fez você desistir do mestrado, ficar descrente ou desanimado.

EO – Teve um desânimo, mas já tinha escolhido para ser meu orientador Rafael Infanti que foi lá do que já faleceu você conheceu, Rafael Infanti.

AB - Eu sou amiga da Maria.

EO – Ahn, então, o Rafael ia ser o meu orientador, do mestrado era o Rafaelli, mas eu não vou de corpo e alma nesse projeto da Colônia eu fico sem tempo, tendo que trabalhar, deixei um emprego, já deixei, quando eu peguei essa bolsa da Colônia deixei um emprego de mais longe, de Tanguá.

AB - Tanguá.

EO – Fiquei em Villar dos Teles e na São Juliano e...

AB - Deixa só eu virar aqui que aí a gente não perde nada

Fita 2 - Lado B

AB - Aí então, você deixou Villar dos Teles.

EO – Eu deixei, não, deixei Tanguá.

AB - Tanguá.

EO – E fiquei em Villar dos Teles ??

AB - Ficou lá e na Colônia Juliano.

EO – É o lugar mais perto e fiquei lá sendo bolsista na Colônia Juliano Moreira, para fazer esse diagnóstico né. Entrei como bolsista, e aí muita gente entrou como bolsista, nessa época. Quem eu mais me lembro era Marco Aurélio, tá não ENSP agora. Laurimar que tava na Colônia, Emília que tá na Colônia, ?? que tá na Colônia, Pedro Silva que ta na Colônia pessoas que tem essa história também para contar, Pedro tem muita história, é...

NR – Todos esses entraram para trabalhar nesse censo.

EO – Nesse censo, foi assim, um recrutamento para trabalhar no censo. Claro que a gente vê amigo de um amigo de outro, não teve seleção, não sei o que ??. Nós fizemos o primeiro censo da Colônia, entrevistamos paciente por paciente.

AB - E quem bancava isso eram os recursos da Juliano. Ou a Juliano captou recurso com alguém?

EO – A Juliano já tinha um já tava com verba da Campanha Nacional de Saúde Mental, então, já era essa idéia, já era esse tipo de recurso.

AB - Tá.

EO – E aí a gente faz esse censo durante uns seis meses e depois o censo nós bolamos uns projetos para Colônia. O que que era o censo, o censo a gente conhece a clientela e aí o que que a gente vai fazer com essa clientela. Bom, nessa época, do censo a gente eu tenho conhecimento com outras pessoas por exemplo, Pedro Gabriel, tava lá, em Brasília.

AB – Hum, hum.

EO - E eu consegui sabendo que o Pedro Silva era amigo dele, Pedro Silva, ??, e aí como ele era um cara que a gente ??e tinha passado em um concurso em Brasília e não queria ficar em Brasília e tal, eu consigo com o Heimar chamar o Pedro para a Colônia,

AB - Pedro Silva.

EO – Pedro Gabriel.

AB - Ah, o Pedro Gabriel.

EO – Gabriel, Heimar chama para a Colônia, Pedro Gabriel. O César Pinto Duarte, hoje é do FUNLAR, um administrador da FUNLAR, também foi dessa época, desse censo. Bom e o censo resulta em que, você conhece a clientela então, você vai dizer o seguinte, tem uma Colônia, mortos vivos lá dentro, por que tem umas coisas que a gente descobriu muito interessante que vários pacientes diziam a idade, a média de idade da época, era de 45 anos, em 81, e as pessoas diziam a idade assim, 26, 22, e a maioria dessa idade eu comecei a descobrir nos prontuários que era a data de entrada, quando você entrou morreu, quando você entrou para o, esse formulário me assustou.

AB - Estagnou, né.

EO – Muito, né. Uma coisa assim.

AB - Uma estagnação, né.

EO – Uma estagnação, parou no tempo, e quando eu pegou esse censo dizia o seguinte aquilo não tinha futuro, a Colônia não tinha futuro era um negócio que, olha a gente tinha que tentar um projeto de recuperar, então, a gente faz vários projetos. A gente cria o hospital Jurandir Manfredini é esse que a gente cria, que hoje tá na Colônia Juliano Moreira para que o Jurandir Manfredini? Para ser um hospital de agudos que barrasse as internações na Colônia Juliano Moreira, quer dizer, não interna mais ninguém na Colônia. Então, o Jurandir Manfredini proibia que entrasse novas pessoas na Colônia, por outro lado se faz um centro de reabilitação e integração social que era o CRIS, para que pegar a pessoa da Colônia, que não tivesse que não fosse mais paciente, tentar uma reabilitação psicossocial com ele, né. E o projeto que cuidasse da Colônia, das pessoas que não tão lá dentro, que nem podiam sair do Manfredini, nem podia ficar no CRIS mais tinham moradores que lá ficavam, dentro da Colônia.

Então, a gente criou três projetos, projeto da Colônia, projeto do CRIS e projeto do Manfredini. O Valnei e o Marco Aurélio foram dirigir o Manfredini eu vou dirigir o CRIS, e o Pedro Gabriel fica com a Colônia, há essa divisão.

Bom o Pedro Gabriel é uma pessoa contratada em Brasília, que ele fez concurso e tal, foi pela DINSAM e já tava na Colônia. Eu e os outros, Laurimar fica comigo no CRIS, o outro só fica com Marco Aurélio no Manfredini, aí eles propõem contratar a gente.

AB - Hum.

EO – Eu boto isso em discussão no núcleo de saúde do PT e o núcleo aprova que eu seja contratado, por que se considera que isso foi um concurso, por que eu era bolsista, fizemos um diagnóstico, depois fomos contratado para executar um projeto,

AB - Projeto que vocês elaboraram.

EO - Maior concurso do que este não tem. E a gente entra com o compromisso de... seriam os últimos que entravam por essa porta aí que a gente fecharia a janela. A gente entrou pela porta aberta para fechar a janela, então, agora, vai ter que ter concurso, nós decidimos isso. Então, foi uma coisa muito interessante foi um grupo que se formou na Colônia que aqui já estava se formando um outro grupo Paulo Amarante...

AB - Isso, Paulo tá aqui.

EO – Paulo tinha contato com esse pessoal daqui, tinha contato, lá.

AB - O Jurandir tava por aqui.

EO – O Jurandir chega depois, quando o Jurandir chega aqui, eu já estou aqui. Bom aí a gente vai fazer esse coreto, nós fomos contratados para executar projetos, então, eu achei justo essa contratação, o núcleo de saúde achou justo embora depois teve divergências internas, levei o Pedro Gabriel para me defender, a minha contratação, o Pedro era muito respeitado na esquerda é irmão do Paulo Delgado e tal. E ele fez a defesa da minha contratação no PT eu tinha esse compromisso, os outros não tinha, Marco Aurélio não tinha, mais tudo bem queria que isso passasse dessa forma, mais tudo bem depois eu fui criticado no PT por isso e tal, o ??, os inimigos dentro do próprio partido, usa essas coisinhas mais tarde, olha eu acho que foi uma contratação bem feita.

AB - Pelo menos, pelo menos, não e muito transparente.

EO - muito transparente, e aí o que vai acontecer, vai acontecer que esse grupo inteiro começa a brigar, começa a brigar eu, Pedro Gabriel, Marco Aurélio, Valnei, Heimar, a gente era muito jovem, a gente tinha nessa época, 81, eu tinha exatamente 30 anos, 29, 30 anos, né, tava começando, você não começa isso pela direção não tinha experiência nenhuma em seus estudos e começa a dirigir, então, foi erro de juventude hoje eu volto, sou amigo do Pedro sou amigo de todo mundo, acho que aquilo foi uma bobagem era estrelismo mesmo, eram meninos que galgaram posição grande por que tinha um vácuo de poder, realmente, e eles chegavam a uma posição e aí.

AB - cada um queria fazer seu projeto ser maior.

EO – Exato, exato, seu projeto ser maior, aí começava uma briga besta por causa de projeto.

AB - perdeu o bosque.

EO – Eu me lembro que...

AB - né, perdeu a idéia do bosque e ficou cada um com a sua árvore.

EO – Isso, aí eu me lembro aí do Pedro Gabriel que ele me criticava muito por que fazia um Centro de reabilitação e integração social, reabilitar a saúde mental seria a coisa mais absurda do mundo ele tem discursos ?? interessantíssimos, discursos dele quando agora a reabilitação internacional.

AB - Viu?

EO – (risos)

AB - ?? da moda

EO - O mundo vira, (risos) o mundo vira, se bem que a minha reputação eu acho que o Pedro tinha muita razão no que ele fazia também, eu acho que ele não tinha razão não. Nós criamos um trabalho na Colônia, muito intenso de discutir com a comunidade aquela Colônia Quarta feira era um dia assim lotadíssima de comunidades.

AB - Como era a ocupação.

EO – Hum?

AB - Era em torno de quantas pessoas que ocupavam entre moradores internos, que que você pode me dar como número grande.

EO – Na época nós tínhamos 2000 internos, fora os moradores que tavam começando, era muita coisa, por que aí tem a história disso. A Colônia tinha 5000 internos na década de 70, o Leonel Miranda que foi Ministro da Saúde que é quem criou o Dr. Eiras, então, ele fala “essas clínicas que eu trabalhei nelas todas depois”, ele fala, “essas clínicas partiram do dinheiro público”, só do que ele era ministro e com a matéria prima também, por que eles a tiravam da Colônia e ia lá para o Dr. Eiras.

AB - E recebia do próprio público por que quem pagava era o INAMPS.

EO - Exatamente, então, quando esse grupo entra, então, tem um grupo grande lá na Colônia trabalhando, apesar de tá brigando tá trabalhando tá sendo produtivo, fazendo assembléias comunitárias lá dentro com a comunidade, eu tinha tudo e tava fazendo cálculos malucos, mais também acomodados saíam dos quartos fortes, passavam a Taquara. Engraçado que eu aprendei muito com essa coisa da loucura e com própria comunidade, eu me lembro que a gente tinha um doente no quarto forte que a gente tirou a porta quebramos a porta por que tinha tirado a dobradiça por que só tirasse o cadeado o enfermeiro de noite comprava outro cadeado e botava de novo não adiantava muita coisa, uma vez uma assembléia dessa uma mãe estava reclamando um paciente que a gente soltou, e ela me chega com a seguinte problema: o paciente estava na Colônia muito bem tratado, tava presinho, banhado bonito, ela levava a comidinha dele a roupinha dele não dava o menor trabalho, só que chegou esses loucos e soltaram esses pacientes, e ele foi em casa e estuprou a irmã. Para nós

eu e Gabriel, Marco Aurélio, o pessoal que tava assim, Valnei, então, acabou o projeto, acabou que argumento a gente tem com isso, não o cara vai lá e curra a irmã é uma destruição total de um projeto que ainda tá ali dentro, né, e eu me lembro que a gente não tinha argumento nenhum e olhava para cara do Pedro, o Pedro para minha para o Valnei, vamos fechar isso aqui e acabou não vai mais para lugar, não vai mais. Essa violência é insuportável, e aí surge um garoto da comunidade, um garoto que jogava bola lá dentro depois foi contratado pela Colônia, até, ficou muito próximo de lá, surge com a levando a seguinte questão, que liquidou por terra com o argumento da mãe, ele falou o seguinte, minha senhora queria lhe perguntar o seguinte, será que ele currou a irmã dele foi por que ele foi solto ou por que ele passou vinte e tantos anos preso?

AB - Aí.

EO – Essa era a pergunta que a gente não sabia fazer. O que que a comunidade fez. Eu me lembro de um outro episódio de um paciente meu do CRES que espiona um papo com um estagiário com um recreio, o recreio naquela época era muito deserto e tal, e uma vez o eles o que foi para o CRIS era o que não era mais considerado paciente psiquiátrico, era um morador da Colônia e a gente levou para fazer uma reabilitação com ele, então, a gente deu alta para todo mundo e vamos cuidar deles socialmente. E eles me pediram uma vez para ir sem o Jairo que era a pessoa que ia com eles, e eu deixei, que eles tinham ido várias vezes e tal, pegava a barraca do exército emprestado e foram para praia e um paciente toma muita cachaça e morre, afogado, pronto, de novo o projeto parecia que ia ser tombado, todo mundo tava arrasado, não vai dar certo não sei o que? E eu me lembro de ter uma ?? muito forte e ter um resposta que os pacientes me deram eu fui ao enterro desse paciente e outro paciente toda vez que eu conto essa história eu fico muito emocionado, ele falava assim “eu queria agradecer o Dr. Edmar pelo centro de reabilitação psicossocial e queria agradecer e queria dizer o seguinte eu to alegre pela morte desse meu colega, eu num to triste não, por que hoje eu to enterrando ele aqui”, eles ganhavam uma bolsa e podiam fazer isso, que antigamente quem morria na Colônia ia para universidade ser retalhado por estudante. Então, essa, era a resposta as pessoas morrem.

AB - E ele morreu, e ele morreu usando a liberdade dele.

EO – Usando a liberdade dele, era esse que o cara tava me ensinando que tava ?? sendo paciente. Então, trabalho foi assim, muito belo, muito belo. Mas eu fiz parte do planejamento da Colônia, na época era eu Walnei, Pedro Gabriel, César fizemos um bocado de trabalho juntos mais távamos brigando, távamos brigando muito mesmo, tava brigando e aquilo para mim é meio que insuportável eu não suportava muita briga, eu nunca suportei muito, eu sou um cara que por mais radical que eu seja, brigão, que eu seja eu gosto de ter, eu nunca gostei de ser estrela solitária, nunca.

AB - O senhor gosta de harmonia, né.

EO – Eu gosto de harmonia eu prefiro não tenho desejo de ser diretor eu preferia ser o vice diretor, eu queria trabalhar com as pessoas, quando aquela briga tava insuportável para mim, eu num tava mais suportando aquilo, o Carlos Augusto, que hoje é Secretário da Justiça Social, me chama para mim trabalhar no CPP II, 84 , eu tava com 3 anos na Colônia, e eu

venho para cá em 84, dirigir o ambulatório central, aí eu fui dirigir o ambulatório central do Centro Psiquiátrico Pedro II, e aqui eu entro em contato com Paulo Amarante, com Sheila, tá lá não ENSP agora, com Luís Carlos, Vanderlei, que tá em Brasília, que é outro Luís Carlos Vanderlei, que não é o que tá aqui, é o, é pessoas interessantes desse movimento de saúde mental daqui, tava vindo se fechando.

AB - Tava vindo.

EO – Só que eu não entro pelo mesmo caminho do Paulo Amarante, que já vinha com os trabalhadores de Saúde Mental que o Pedro fundou na Colônia, e os dois estão mais juntos, eu soube que eu briguei lá e fui para cá, tava do lado do Carlos Augusto e fiquei meio solto mais to vendo aqui o reflexo desse movimento que tá vindo e crescendo tinha já pelos meus conhecimentos anteriores admiração grande pela doutora Nísia que trabalhava aqui, mais eu vim dirigir o ambulatório, vim dirigir o ambulatório do Centro Psiquiátrico Pedro II, e voltei de novo de novo aquela criança era novo tava começando era cimentar a direção, na medida que não tem experiência, é prática nenhuma.

AB - Foi direto para direção.

EO – Direto para direção, é isso lá atrás, com a decepção que eu tive com o Edson, eu tendo que me dedicar ao trabalho sem tempo e a racionalização que eu fiz, que eu tava fazendo mestrado para ter cargo público, eu já tinha não precisava. Ele não tinha muito mais sentido para mim, então, desisti de acabar esse mestrado, por que eu tava trabalhando já no que o mestrado me dava, o mestrado me dava eu já ia fazer isso, já tava fazendo, assim o diretor não via muito sentido nisso. Aqui a gente criou o ambulatório e eu contei com a ajuda do Benilton e do Jurandir, na supervisão desse ambulatório, foi muito interessante o trabalho que a gente fez que resultou num livro que o Jurandir fez chamado “*Psicanálise e contexto social*” que ele escreve a partir dessa experiência.

É aqui o pessoal tava realizando concurso, que as pessoas que entraram todas concursadas...

AB - Você me diga só uma coisa, já tinha passado a tal famosa crise da DINSAM?

EO – Já tinha...

AB - Já tinha passado foi lá no final de 70?

EO – Foi no final de 70, isso, ??

AB - Então, aqui você tinha um movimento...

EO – Já tinha o Paulo já tinha voltado.

AB - já tinha voltado.

EO – Já tinha sido demitido e já tava voltando.

AB - E tava tendo concurso

EO – Tava tendo concurso.

AB - os portões estavam se abrindo de novo.

EO – Os portões estavam todos abrindo.

AB - Tá.

EO – A outra coisa é que no final da década de 70, depois da crise da DINSAM ali eu não sei como é que o Paulo vai enfrentar essa questão, que eu não vivi, mais o que me parece é que aquele afã do Leonel Miranda ser Ministro da Saúde e implantar a psiquiatria privada com várias clínicas e com tudo eles fizeram o seguinte no final da década de 70 eles tinham matado a galinha de ovos de ouro. Por que isso, por que a psiquiatria era a Segunda causa de internação no Rio de Janeiro.

AB - E maior índice de permanência, quer dizer, o valor...

EO – Já era caríssimo.

AB - ??

EO – Não, mas tem um dado, tem um dado interessantíssimo, a primeira causa de internação no Rio de Janeiro era gravidez, como gravidez não é doença a primeira era psiquiatria.

AB - É.

EO – E isso funcionava da seguinte forma, você tinha psiquiatras parados em todos os Pam do INAMPS aqui todo mundo dava RH, você tinha uma kombi, o São Raimundo Nonato eu me lembro dessa kombi, mal falada kombi que ela tinha foi fechada pelo ?? agora que eu acho interessante esse fechamento ela saía de Santa Cruz, que era lá.

AB - A clínica era lá em Santa Cruz, São Raimundo Nonato.

EO - São Raimundo Nonato, vinha pegando todos os bêbados que encontrava na cidade e levavam no posto do INAMPS num médico que eles conheciam, aí o médico dava IH, era matéria prima para essa clínica

NR – Por que o diagnóstico...

EO – Diagnóstico ele dava, né. Então, eles mataram a galinha de ovos de ouro, por que começou a ter um gasto enorme e o Ministério viu que aquilo era um absurdo. Então, se criou a campanha para evitar essa crise, contratação nova.

AB - E enfrentar de baixo por que tinha que enfrentar os ??

EO – Tinha que enfrentar lá em baixo, aí tinha jeito, quer dizer, não foi por um motivo bonzinho, né. Essa é a minha leitura, o movimento quando não interessava politicamente ele estourava ele lá embaixo, quando esse pessoal do movimento ele volta todo de novo para cá para dentro a minha leitura é que o governo precisava da gente.

AB - O espaço que eles deram na agenda pública foi por que eles queriam.

EO – Por que eles precisavam, por que sabiam que a gente é que ia fazer essas mudanças, por que estavam gastando muito dinheiro...

AB - Foi vitória, vitória do movimento.

EO – Eu acho isso, mas eu acho, então, você bater de frente com isso, com o Paulo Amarante a minha versão, como eu te falei...

AB - Você percebe como uma vitória da realidade.

EO – Da realidade.

AB - O contexto era aquele.

EO – O contexto era aquele não tinha outro jeito, não tinha saída para isso, né.

NR – Feliz coincidência.

EO – Foi uma feliz coincidência...

AB - Agora sem dúvida o contexto acumulado do movimento é que permitiu que esse contexto existisse.

EO – Claro, claro, não tenho a menor dúvida disso, não tenho a menor dúvida, agora...

AB - Eu entendo a sua posição.

EO – Agora, veja bem, por que que esse pessoal chamava o pessoal do movimento por que eles sabiam que era esse pessoal que ia dar conta disso não era outro se chamasse os caras que estavam nos planos da ?? isso não ia mudar.

AB - E nem a clínica privada?

EO – Então, nós tavamos em plena ditadura, governo Geisel, não tinha nem falado em abertura não tinha começado ainda e os caras chamaram os comunistas para cá para dentro. Eu me lembro disso, eu tenho um amigo que é jornalista aqui no Rio, e ele me contava o seguinte, que na época só tinha comunista no O Globo, no Jornal do Brasil não tinha, não Folha da Manhã não tinha, na Última Hora não tinha.

AB - Só um minuto (barulho). Pronto, hã.

EO – E o Roberto Marinho dizia...

AB - Só tinha no O Globo?

EO – Só tinha no O Globo.

AB - Nos outros não tinha.

EO – O Roberto Marinho disse numa reunião que esse meu amigo ouviu falar foi assim, chegou o pessoal da repressão queria que ele cassasse o jornalista que tinha lá ?? no O Globo e ele falou assim “olha, os meus comunistas eu controlo, se ocupa com vocês que esse pessoal trabalho”. Sabia disso também, então, não era a toa que eles tavam no O Globo.

AB - Tavam lá.

EO – Então, tem essa coisa também do tá bom o movimento, cria o compasso para pessoas mais também a conjuntura, mais também não é assim não é de bandeja, não é um movimento tem essa força enorme de mudar tudo, o que que eles deram para gente eles deram o seguinte.

AB - Trabalho.

EO – Trabalho, se vira, eu preciso ?? nas instalações por que eu não to agüentando mais. O que que a gente fez, nós nos reunimos Colônia, Pinel e CPP II, e fizemos emergência internação que ainda hoje vigora e criamos a ?? e isso tudo é registrado não existia emergência psiquiátrica no Rio de Janeiro.

AB - Então, foi emergência e os pólos de internação.

EO – Isso, isso. Você cria os pólos de internação e uma emergência, para que? Para burocratizar a internação.

AB - Para fazer um caminho, quer dizer, tinha que ter um processo que resultasse.

EO – Tinha que ter um processo, isso. Com essa medida burocrática do dia para noite a gente reduz em 40% as internações psiquiátricas. Em 24 horas, não foi nem um trabalho, um, foi uma medida burocrática, pronto os PAMs não internam mais. Então, não tinha mais como a ?? pegar a kombi delas e sair?

AB - O médico ??

EO – Quem tinha que avaliar era a gente aqui, então, a gente cria esse pólo.

NR – Centraliza e centralizamos e criamos esse pólo. No futuro nós criamos um monstro, por que hoje eu to aqui diretor meu maior problema aqui é a emergência. Isso é um grande monstro, mas na época era necessário por que isso ia reduzir as internações a vez que eles, o que eles queriam contratar a gente era para isso, que era para economizar dinheiro, nós

tínhamos que jogar esse discurso também, por mais que trabalhar a clínica ele fosse fazer, mais tínhamos que reduzir a despesa e a medida. E a ?? foi muito bom para gente por que a gente tava contra a iniciativa privada tava ganhando dinheiro às custas do pobre.

AB - Do pobre.

EO – Então, a gente entrou com todas as garras e conseguimos mudar essa, essa conjuntura, né na década de 80. É...

AB - Esse período que você entrou pelo que eu consegui entender, você entrou, primeiro pelo ambulatório central.

EO – Isso.

AB - 84, 86.

EO – Isso.

AB - Nesse ambulatório central ficava a emergência?

EO – Não, não. A emergência era separada.

AB - Tá aí depois de 86, para 88 você virou uma espécie de coordenador geral de saúde do Centro Psiquiátrico Pedro II.

EO – De quando foi essa data aí?

AB - 86 a 88.

EO – Tá, aí nós tivemos uma, antes de 88, teve uma crise, eu venço no ambulatório na gestão do Joarez Montenegro.

AB - Ah, foi o processo de intervenção que teve aqui.

EO – Isso, então, tá, o Joarez é o diretor, Carlos Augusto era o vice diretor e eu era o diretor do ambulatório, fazia um conselho diretor com todo mundo sentava Paulo Amarante, a gente aquilo, só o planejamento participava no Conselho diretor todos os membros deles, quer dizer, ??, era uma coisa que não era burocrática na verdade.

AB - É.

EO – Era uma coisa que oportunismo, no bom sentido, oportunismo para você mudar a conjuntura por que o centro psiquiátrico era complicado tinha a relação geral do ?? Ministro, e os seis hospitais também o Ministro nomeava, então, se você brigasse com o ?? você não podia demitir só o Ministro que podia. Então, que que a gente fazia. Ambulatório central que não era BS, que era eu diretor de não sei das quantas, Paulo Amarante que era do núcleo de

planejamento, a gente invadia esse conselho diretor e mudava por que para brigar com os velhos também.

AB - E quem você me destacaria como os grandes velhos da época aqui? Que nomes que vem na tua cabeça?

EO – Olha, os que vem já morreram que eu conheço.

AB - Não, mas não é pessoa para gente entrevistar não, é para gente ter.

EO – Dr. Cidreira.

AB - Cidreira.

EO – Dr. Armando Aguiar, Dr. Pogh.

AB - Pogh.

EO – É quem mais? Eu já peguei eles saindo eu num peguei, não peguei eles, não vivi com eles não. Na época minha tinha o Armando o Cidreira, tinha as pessoas que atrapalhavam aqui dentro muito. Atrapalhavam muito, eram os diretores nomeados pelo Ministro, não sei o que. Que o Joarez... o Joarez muito esperto... o Joarez era da velha guarda e ele tá vivo, era bom entrevistar ele, tem uma história boa Joarez Montenegro Cavalcanti, o diretor aqui que mudou o Centro Psiquiátrico Pedro II, um cara militar...

AB - Joarez Montenegro.

EO – Joarez Montenegro Cavalcanti. Militar de carreira e tudo e é ele que traz esse ?? para dentro.

AB - De formação médico?

EO - Médico. Médico neurologista psiquiatra, é ele que faz a ?? aqui para dentro é ele que chama Paulo Amarante, ??, aqui para dentro para dirigir o centro com ele, ele tinha essa visão embora tivesse um jogo assim, deixava a direita junto aqui e ??

AB - Jogo duplo, mas ele...

EO – Mas ele criou, ele liberou o concurso aqui dentro para ele fazer embora eu me lembro que o Joarez dizia assim, brincando, na Colônia, não, na Colônia nós seguramos lá na época o concurso foi de vera, de vera. O daqui o Joarez dizia assim, vocês têm as suas vagas mais eu tenho a minha, ele separou isso. E ele dizia com todas as letras eu sou arrimo de família eu vou empregar os meus ??. não tenho que sair e fez esse ele fez e a gente não teve como peitar isso, não. E eu to no ambulatório, quando o Joarez sai, da direção, entra o meu amigo Dr. Pavão. Não sei se substituiu o Joarez de fato, ??

AB - Dr. Paulo Pavão, né?

EO – Não, Dr. Paulo Roberto? Pavão. Paulo Roberto Pavão. Que foi o meu professor de residência na UERJ, que era um cara que eu era ligado a ele demais, o Dr. Cláudio Macieira vai ser, por que o Dr. Cláudio Macieira que é, também ? que eu conhecia muito vai ser o diretor da DINSAM por que foi no governo Sarney e o Macieira irmão da Marli Sarney.

AB - Nossa, mundo pequeno.

EO – Mundo é muito, muito estreito e aí tinha uma conjuntura boa de se fazer um bom trabalho, tava lá o macieira que eu conhecia, tava lá o Pavão aqui na direção, e aí juntava todo mundo aqui era Carlos Augusto é Benilton, Jurandir, Paulo Amarante, Sheila era uma turma pesada, João Paulo, Lula, Vanderlei, você tinha a psiquiatria aqui tava com muita gente boa aqui dentro, então, daria para fazer um belo trabalho. Bom, qual não é a surpresa da gente que o Pavãozinho mete os pés pelas mãos e ele é um bom professor universitário, mas não entendia nada de administração pública. Começou a atropelar tudo aqui e a gente rompeu com ele todo o grupo se retirou deixou ele sozinho. E o Macieira teve que vir aqui fazer uma intervenção novamente botar um novo diretor.

AB - Um novo diretor, que aí foi quem?

EO - Aí foi Manuel Faustinho. Manuel Faustinho era um cara que trabalhava com Macieira na DINSAM, era um, é um caboverdiano, de Cabo Verde, que tava no Brasil, refugiado numa briga política de Cabo Verde e aí foi trabalhar com Macieira na DINSAM, e aí já tava brigando com Macieira, por que o Macieira é difícil de lidar mesmo queria vir para o Rio e aí a gente fez o ?? no Manuel Faustino que era um cara de esquerda e tava ?? no Cabo Verde, para ser o diretor do CPP II, então, nós conseguimos isso, aí nós fomos, nós agrupamos de novo em torno do Manuel Faustino. E aí quando a turma se agrupa em torno do Manuel Faustino, o Faustino vendo a equipe que tava aqui toda ele me escolhe para Coordenador Geral de Saúde.

AB - Certo, aí você foi Coordenador Geral de Saúde.

EO – E aí ele me convida para coordenar, para coordenar a Coodenadoria Geral de Saúde.

AB - E o que que é uma Coordenação Geral de Saúde?

EO – Olha é o seguinte isso era muito interessante, aqui tinha os feudos você tinha coordenação de enfermagem, coordenação de médicos, coordenação de psicose, coordenação de ??. Então, na verdade quando eu fui dirigir o ambulatório eu sofri muito com isso, por que a gente no ambulatório, mas os psicólogos se reuniam com a coordenadora delas, os ?? se reuniam com os coordenadores deles,

AB - Você não conseguia coordenar ninguém,

EO - Não coordenava ninguém, e você não faz trabalho multidisciplinar com suporte técnico psiquiatria com as coordenações ?? que era muito mais corporativa, do que do que técnica, né. E quando eu entro para a coordenação geral de saúde, sou eu que proponho esse nome para acabar com as coordenações de todas as outras, destruir todas as coordenações, só tem uma coordenação aqui a geral de saúde e acabou.

AB - Como é que foi a reação?

EO – Foi péssima.

AB - Dos corporativos.

EO – Não foi guerra civil, mas nós bancamos isso e foi muito melhor e aí nós começamos a fazer um trabalho multidisciplinar, né, com a ajuda de todo mundo nós conseguimos um grande trabalho disciplinar, o centro cresceu muito, temos trabalho belíssimo aqui dentro né. Muito boa, muito fértil, né e o Manuel ficou nessa direção e ele sai em 88.

AB - Isso, aí você sai também da Coordenação geral...

EO – Acontece aí, tem uma briga, foi a pior briga de todas Valnei, que é o cara que veio da Colônia comigo, que ele também não agüentou foi o que eu trouxe de lá. Valnei foi diretor do bloco médico aqui acompanhou todas essas confusões eu subi no cargo de chefia e acompanhou com a gente. Quando era em 88 o Sarney ainda presidente destitui o cunhado dele que fez muita confusão, né, bota outro com Diretor da DINSAM e ele em troca dos 5 anos de mandato Sarney ele começa a lotear o Ministério para poder conseguir ele bota no Ministério da Saúde um cara de Pato Branco, né como é o nome do cara como que eu fui me esquecer desse nome, não é possível que eu vou me esquecer desse nome.

AB - Não no campo da sua memória você não quer mexer.

EO – É, é por que é muito traumático.

AB - Então, é isso.

EO – E esse cara vai ser o diretor, o Ministro da Saúde e o diretor da DINSAM, vai ser uma pessoa reacionária, também na época e...

AB - Esse de Pato Branco foi ser Ministro da Saúde?

EO – Eu acho que é Ministro da Saúde.

AB - Em 88 mais ou menos?

EO – 88, 88 dias, foi o dia da crise e eles botam aqui dentro Dr. Pedro Monteiro. O Dr. Pedro Monteiro era uma pessoa de extrema é, ele hoje é secretário da Baixada Fluminense igual ao município, ele é uma pessoa de extrema direita, eugenista, ele recupera a eugenia, ele propõe

a separação entre os sexos dos pacientes, que não se descesse ninguém e propõe a eugenia, e propõe a...

AB - Em 1988.

EO – Em 1988, nós fi...

Fita 3 – Lado A

EO – Bom, aí perguntei...

AB - Com essa visão dele.

EO – Impõe, ele impõe aqui uma visão dessa forma e ele vai pegar um prescindível que ele vai chamar de prescindível, quem é prescindível. Prescindível é quem ele queria mandar embora daqui, ou demitir, ou que fosse embora. Prescindível era Jurandir, Benilton, Valnei, a mim deixaram dar o plantão para não ser muito (TI) assim, deixaram dar o plantão dia de domingo, que era uma perseguição muito grande e várias. Pegou a enfermaria que Jurandir tinha aqui dentro M2 na época, que era um trabalho de vanguarda do Jurandir, que era Cláudia Lavoisier, Márcia Dória que eram várias pessoas, que era um trabalho belíssimo e ele manda essa enfermaria toda para a Colônia Juliano Moreira, nesse tempo um paciente, um menino da Cláudia se suicida.

AB - Foi ele, que chegou aqui não tinha ela. “Faca no peito”.

EO – “Faca no peito”, esse artigo.

AB - Artigo mais lindo que eu já vi.

EO – É, pois é, esse artigo nós publicamos no nosso jornal, aqui.

AB - Ah, me arrepio só de lembrar de “Faca no peito”.

EO – Exatamente. Foi esse artigo que o Jurandir escreveu.

AB - Aí que me apaixonei pela Psiquiatria.

EO – Hum, hum. E aí o Jurandir escreve e a gente escreve no jornal, não é, reclamando e vamos para a imprensa e nós botamos aqui como linha de fogo, porque na época era muito grande, nós estávamos na Campanha de Saúde Mental, nós éramos celetistas, nós não tínhamos estabilidade, podíamos ser demitidos todos. Aí nós botamos em linha de frente para brigar contra o Pedro Monteiro, meu amigo Valnei Ferreira de Moura, porque? Valnei era coronel, era major da Aeronáutica, major da Aeronáutica, um cara de esquerda, bom, o único militar que eu conheci bom, e Valnei podia ir para cima do cara porque ele era major da Aeronáutica, então, podia bater. Valnei enfarta, ele não agüenta, ele morre em 88 e foi uma vítima que a gente teve do Pedro Monteiro, todos os dois, Paulo da “Faca no coração” e o

Valnei Ferreira de Moura que o Pedro Monteiro mata. Ele mata um técnico, um cara que representava os técnicos e um cara que representava os pacientes.

AB - E mata o paciente.

EO – Mata o paciente. E aí todos nós fomos exilados em algum lugar, eu fiquei aqui um certo tempo, ele me machucou muito no plantão, que eu não queria ficar no plantão, não queria dar plantão, não dava plantão. Eu me lembro que eu estava no plantão no domingo e eu cheguei e falei e pedi a ele, em nome da minha história, sempre fui diretor e tal e dia de domingo tenho família, sempre trabalhei muito e ele podia me dar qualquer outro dia e aí o cara que me recebeu doutor Walter Chaves que trabalhou também ele falou assim “Então, tem quinta-feira”, “Está ótimo, maravilha, só que quinta-feira é hoje” aí eu falei “E eu posso comprar uma escova de dentes e dar um telefonema?”, que era assim que se tratava preso político antigamente.

AB - É.

EO – Fiquei no plantão.

AB - Nossa senhora.

EO – E aí depois ele não suporta aqui dentro, eu tentava, conseguia reunir pessoas, conversar era proibido, as reuniões aqui, eles tinham um técnico que ia na esquina ligar para o dono do botequim, dizia que a gente ia tomar o cara, hoje o cara é meu amigo, que a gente dizia fulano chegou aí, para fazer uma, levou para Colônia Juliano Moreira e passou o tempo, lá na Colônia dando plantão...

AB - É aí eu vi que você foi para Colônia...

EO – Fui para a Colônia.

AB - Mas antes de você ir para Colônia o senhor me explica uma coisa, em 89, 90.

EO – Não tem nada aí.

AB - Um pouquinho depois. Eu tenho aqui uma direção substituta, já é quando o Pedro saiu, é você voltando.

EO – Já, já. É voltando.

AB - Então, eu não botei aqui, eu não botei a Colônia aqui, eu devo ter falhado.

EO – Não, a Colônia, a Colônia eu não botei no curriculum não fui assumir cargo na Colônia.

AB - Ah, está foi só médico. Então, está.

EO – De 88 até esse outro cargo que está aqui, foi em 90?

AB - Ah, está médico na Colônia. E o outro cargo em 89.

EO – Isso foi o Pedro Monteiro ficou pouco tempo, porque logo Sarney conseguiu o negócio dele, tirou os caras que eram ruins ele se vendeu só. A falha que ele criou foi aqui em um ano, um ano.

AB - Um ano.

EO – Só que a imprensa lutou muito, ele lutou na Colônia, vocês lembram disso também, tiraram o diretor da Colônia. Aí teve, saiu no Jornal do Brasil, saiu todo o Exército na Colônia para tirar o diretor, foi uma loucura foi um regime de fechamento total, e nessa época eu tive que ficar na Colônia um ano lá escondido, não é? E aí quando Pedro Monteiro é demitido, a gente faz uma reunião desse grupo no CPP II e achamos que o melhor diretor seria o Carlos Augusto.

AB - Hum, hum.

EO – E aí o Carlos Augusto vem assumir em 90.

AB - E você vem para o Hospital de Edilon Galote.

EO – Não, Edilon Galote que está aí?

AB - É Edilon Galote, você vai ser diretor do hospital Edilon Galote.

EO – Eu tenho a impressão que era o IPAB.

AB - Era IPAB, a gente vê isso depois.

EO – Não, o Edilon Galote eu era quando eu estava com o Faustino no ano de 88.

AB - 89, 90.

EO – 90 eu não me lembro.

AB - Mas não tem problema, isso é detalhe. Você volta para cá?

EO – Volto para cá, (TI).

AB - Saiu do exílio e veio com Carlos Augusto.

EO – Vou dirigir o IPAB, dirijo aqui o IPAB e depois eu fico, quando é que o Collor entra? Em 90, não é?

AB - 90. Agora me diga uma coisa, nesse momento que o Carlos Augusto está assumindo, 89, é um momento onde a gente tem umas certas confusões no Brasil com a questão da

Psiquiatria, a gente tem em Santos a Casa de Saúde Anchieta com a intervenção, a gente tem os CAPS em São Paulo ganhando força, a gente tem o projeto de lei do Paulo Delgado que é de 89 tramitando e ao mesmo tempo você está pegando uma outra parte dentro aqui, você está pegando o IPAB.

EO – É que é um hospital, é um hospital.

AB - Como é que é, que é o Adauto Botelho que é?

EO – Tradicional.

AB - Tradicional. É de quem está...

EO – Internado.

AB - Internado e crítico, quer dizer, já meio...

EO – Crônico e agudo. São as duas coisas.

AB - Crônico e agudo.

EO – Só que...

AB - Como é que era viver isso?

EO – A questão não, a questão toda era a seguinte: era atacar o que era pior para mudar, porque veja bem, a gente fecha inteiramente com o movimento que está acontecendo por aí. Essa direção fecha. Porque em 88 o castigo que o Pedro Monteiro fez, que eu me esqueci, ele fez castigo com todos nós, o Lula Wanderlei trabalhava com a Nise da Silveira.

AB - Quem?

EO – O Lula Wanderlei.

AB - O Lula que depois ficou no Ní... quer dizer, sempre foi do...

EO – Não, ele era ele trabalhava com a Nise da Silveira.

AB - Certo.

EO – Quando foi em 88, em 88 foi o ano que o Pedro Monteiro entrou foi aquela intervenção.

AB - Isso.

EO – Machucou e perseguiu. Ele arranhou uma forma de perseguir o Lula também, foi botar o Lula na enfermaria, isso para o Lula era mortal, ele nunca tinha trabalhado na enfermaria. Ele bota em 88 o Lula na enfermaria, só que ele bota o Lula na enfermaria na N1. Que tinha

um pessoal que já vinha fazendo um trabalho belíssimo lá dentro, que era a Carmem que está aí hoje, do EAT, vai dar Espaço Aberto ao Tempo. Interessante que o EAT que é um projeto mais avançado do CPP II, é...

AB - Começou com ele.

EO – É fruto do Pedro Monteiro. Essas coisas na história são muito engraçadas, as pessoas às vezes não admitem isso, deturpam a história porque...

AB - Castigo veio a galope. (risos)

EO – Por causa da sua empatia com a história e vai dizer que isso deu um grande trabalho, mentira. O movimento do trabalho foi, botou Lula na enfermaria, juntou todo um pessoal que estava afim de fazer um trabalho legal com um cara que era, que vai dar o tom a essa enfermaria, primeiro que ele não agüenta ficar na enfermaria, então, ele desce para o espaço do pátio, aí vai criar todo um trabalho diferente que vai dar um...

AB - Uma vida.

EO – Uma vida, nessa época nós estamos mantendo o Paulo também está por aqui, não sei se ele já estava na ENSP, mas ele ajuda muito a gente no sentido aí de começar a fazer umas reuniões no CPP II com o CAPS, do Jairo Goldberg lá em... o Jurandir, provoca essas discussões, começa da UERJ aqui e depois vai para...

AB - Esse CAPS que você falou aí é um CAPS de quem?

EO – Do Jairo Goldberg, CAPS, é o Luís Cerqueira em São Paulo...

AB - O de São Paulo.

EO – O de São Paulo então, nós.

AB - Primeirão, lá.

EO – Primeirão. Está começando em 88 também.

EO – É, e aí foi 88, 89.

EO – O Lula começa em 88 também, então, vejam como está tudo juntando.

AB - Tudo sincronizado.

EO - Tudo sincronizado. Então, o trabalho do Lula e do Wanderlei é muito influenciado pelo trabalho do Jairo, como o trabalho do Jairo foi influenciado pelo trabalho do Lula, então, esse trabalho nasce aí também, não é?

AB - Certo.

EO – Eu estou na direção do IPAB, para mudar o IPAB.

AB - Não dá para negar o crônico, você não pode negar o crônico.

EO – Não posso negar, eu tinha que ver e como é que eu mexia naquilo lá, era uma mexida. Logo, logo eu saio do IPAB não sei quando aí e vou...

AB - Em 90 você sai de lá...

EO – Aí vou para ser chefe de gabinete do Carlos Augusto.

AB - Isso, aí funciona meio que como diretor substituto, como chefe de despesa.

EO – Isso, isso, pronto, isso mesmo.

[Interrupção na fita]

AB - Bom, aí então, você foi pegar esse cargo de coordenador de despesa.

EO – Isso.

AB - Diretor substituto.

EO – Não, diretor substituto, na verdade diretor substituto, era um chefe de gabinete.

AB - Chefe de gabinete.

EO – Bom, aí entra o Collor de Mello, tem a eleição.

AB - Ele junto com aquela beleza do Alcení Guerra.

EO – Isso. Bom, qual é o primeiro ato do Collor? Além de seqüestrar a poupança que as pessoas tinham, foi demitir todos os diretores de todas as unidades do Brasil, foi um ato de parafernália política. PLÁ! Então, o Carlos Augusto se viu demitido do dia para a noite, chegou aqui então um telegrama que estava demitido o diretor, ainda era oficial demitir, então, quem assume? Eu, não era vice diretor? Eu pego o telefone e ligo para falar com o Dr. Alcení Guerra e consigo falar com a chefe de gabinete dele e fiquei muito amigo dela depois e eu digo para ela o seguinte, “Olha, isso aqui não é uma fábrica de chapéu, isso aqui é um lugar que tem pacientes que precisam comer, precisam tomar remédios senão vão morrer, eu estou assumindo, no dever de ofício, que eu sou substituto do Carlos Augusto, agora gostaria de dizer para a senhora o seguinte, não tenho a menor intenção de ficar no cargo, a senhora procure um diretor e mande para resolver.” Já devia ter mandado quando demitiu o diretor, que não me perguntaram se eu queira assumir, eu estou assumindo por um dever com os meus pacientes, não com vocês, eu não tenho nenhuma linha direta com vocês. Votei no Lula e estou querendo sair, então, vocês me arranjam...”, “Ah, o senhor por favor aguarde e não sei o que e tal”. Esse aguarde começou a aguardar, aguardar, aguardar e nada de vir, nada

porque eles não tinham nenhuma proposta de coisa nenhuma, o Carlos Augusto estava aí do meu lado e eu nomeei o Carlos Augusto para o meu lugar. “Você é chefe de gabinete, meu substituto”.

(risos)

EO – Que que eu ia fazer? Está ali do lado mesmo, o cara não sai, ninguém vai embora. E aí nessa época eu vivo um episódio, mas é um episódio tragicômico da minha vida. Eu que sempre gostei de piada, sempre gostei, nunca vi tanta piada, só que ela tinha o lado tragédia, nessa época. Nesse ano em 90, para 91 eu passo, eu acho que eu passo mais tempo em Brasília do que aqui e tinha que ir à Brasília todo dia para economizar dinheiro de Collor, que era demitir funcionários, ele botou na cabeça que ele tinha que demitir os funcionários, só que, presta bem atenção. O que ele fez aqui, fez com a Colônia, e no Pinel. Na Colônia, quem era o diretor era o Clécio, o Domingos que era substituto dele.

AB - Domingos Sávio.

EO – Sávio. No Pinel ficou o César Linduarte, que veio comigo da Colônia então, nós três nos conhecíamos e éramos amigos e nós íamos todas as semanas à Brasília para discutir demissões de funcionários. E a pressão era intensa, intensa, intensa de botar aquela lista no Diário Oficial de dispensar as...

AB - Não, a Fiocruz foi uma loucura.

EO – Você lembra?

AB - Nossa.

EO – Só que se você tivesse vivenciado isso é que era interessante, não era nada planejado, eles chamavam o gestorzinho que era eu. E mandava eu demitir. Então, o gestorzinho...

AB - E foi o que o Dr. Herman disse “Eu não demito”, chamou o presidente da Fiocruz e disse “Eu não demito.”

EO – Pois é, mas quem demitiu foi o gestorzinho, o cara que se imbuiu do poder que o Collor deu para eles e começou a demitir os inimigos, foi uma caça às bruxas absurda. Eu me lembro de um cara lá.

AB - No Museu de Astronomia foi um horror.

EO – Lembro um advogado que era chefe, que era lá do nosso DNI. “Por que que vocês não demitem os caras que vocês não gostam?”, “É, diretor não tem, não gosta, não daqui isso não é nada, não vou demitir ninguém”. Se eu estou aqui, estou com um plano, a primeira coisa que eu levei para ele lá é um plano de contratação de pessoal, como é que eu vou demitir todo mundo para contratar.

AB - Você não tem excesso, tem falta.

EO – Não tenho excesso, tenho falta. E aí o cara dizia para mim que não tinha jeito, senão sabia que eu ia perder o cargo. Eu falei “Espera aí, eu já liguei para você porque eu não quero esse cargo, eu quero é sair, faz tempo que eu estou querendo sair e vocês não conseguem me tirar e aí nós compramos uma briga, que eu ia bater de frente, ia ser demitido, só que eu estava preparado para isso, só que o pessoal do Centro estava morrendo de medo de quem ia ser o diretor que ia demitir alguém aqui.

AB - Um interventor, é...

EO – E o Domingos Sávio sempre foi um grande negociador do bem, ele é um grande armador do bem, ele é um cidadão que eu aprendi a respeitar muito. O Domingos não é de empregar, eu queira empregar ele não queria, brigamos muito, o César fazia o que a gente queria. Não tinha problema, o César é um cara fechado, com o que a gente pudesse fazer, que fosse de Saúde Mental (TI) hospital. Eu sei o seguinte: tinha que ter no Diário Oficial uma lista de funcionários que a gente tinha que tirar ou não. O Domingos Sávio disse assim, “Então, está, a gente vai dar” Eu falei “Não vou, Domingos” “Vai, nós vamos dar, calma”, isso no meio da reunião.

AB – (risos) E você tentando entender aonde ele queria chegar?

EO - Aonde ele queria chegar, eu não sabia, não captei a mensagem do mestre, porque o Domingos é um mestre, saímos de lá, fomos tomar um chopp ele traçou um plano magistral, como ele já tinha descoberto, ele vivia em Brasília, e a gente aqui não sabia de nada, um bando de bobos e idiotas que estavam dirigindo aquele ministério, nós, o Domingos armou, nos convenceu, a mim e ao César.

AB - A lista para o ataque.

EO – A gente manda uma lista com todos os aposentados que a gente tinha nesses dois anos e todos os que morreram e eles publicaram em Diário Oficial.

AB – Gente.

EO - Não aconteceu nada (risos) e esse Diário Oficial está aí para quem quiser ler, da lista de um...

AB - Peça histórica da história desse país.

EO - A gente enganou o ministério assim numa boa, numa boa, não demitimos ninguém. Bom, a pressão passou, nós ficamos e quando foi no final do ano eu liguei para lá de novo, para dona, não me lembro o nome dela, acho que era dona Eliana, não me lembro o nome dela, acho que era chefe de gabinete do Alcení, falei, olha, “Dona fulana, seguinte: agora vou tirar férias que eu estou há um ano na direção, não tem, vocês não nomeiam ninguém, vou tirar férias agora, sim você já tem a lista, conhecem o hospital, para mim o hospital é de vocês, tomem a responsabilidade, a chave vai ficar na portaria e vocês vão me encontrar a partir do dia primeiro de dezembro no Piauí, eu vou para casa” e ela “Não faça isso, doutor, pelo amor de Deus, não pode fazer um negócio desse, eu não tenho ninguém para colocar aí,

tal” eu falei “Eu não vou abrir mão, mas eu já fiquei um ano com vocês” e ela me diz uma frase “O senhor não tem ninguém para indicar, não?” eu falei “Tenho, como não tenho, tenho” “Quem?” “Dr. Carlos Augusto” nomearam de novo.

AB - Que eles demitiram?

EO - Que eles demitiram. (risos)

AB – Gente, esse homem vai se recandidatar, gente que medo.

EO - Era uma das fases mais tragicômicas que eu vivi na Psiquiatria foi essa.

AB - Meu Deus do céu, aí Carlos Augusto pegou?

EO - Carlos Augusto pegou porque todo mundo (TI).

AB - E você quando voltou de férias voltou para quê?

EO - Fiquei no mesmo lugar.

AB - Para o mesmo lugar, e assessor técnico, assessor técnico coordenador.

EO - No mesmo lugarzinho, no mesmo lugarzinho e aí nós vivemos aqui uma crise histórica, nós tínhamos, nós fizemos, quando eu volto para ser diretor de novo, nós não nos filiamos ao governo Collor, mesmo que fosse entrar aí não sabia que era então democratizar o hospital fizemos uma experiência que também foi trágica, mas foi de boa intenção como dizia o velho Lenin, de boa intenção o inferno está cheio de gente, nós fizemos um conselho diretor, esse esperado conselho diretor só aconteceu aqui no CPP II que era: três diretores, Carlos Augusto eu e mais um, três funcionários da associação de funcionários e três líderes comunitários da associação de moradores do bairro, democrático, não é?

AB - Funcional?

EO – Não, era uma loucura, tudo o que direção queria a comunidade aceitava, os funcionários se lascavam, porque era óbvio, era óbvio o interesse das funcionárias, eu sempre digo isso, geralmente o interesse dos funcionários da saúde é contrário do interesse da população.

AB - É o contrário.

EO - Contrário do interesse da população.

AB - Da população.

EO - Então por exemplo, “Vamos dar uma folga semanal?” a comunidade, “Não”, a direção, “Não”, a comunidade “Não” também, então eram seis contra três sempre. “Vamos diminuir o atendimento”, não sei o que, não tem terceiro turno, tem, a comunidade quer, a gente quer,

então aí começaram a dizer que a gente estava manipulando a comunidade, que não era verdade, era só conjuntura que estava colocada.

AB - Foi a soma?

EO - Foi a soma, foi só a soma e aí esses funcionários vão fazer uma campanha de destruir o conselho comunitário e provocar eleições no Centro Psiquiátrico Pedro II. Eu tinha, nós tínhamos um diretor, Dr. João Paulo, era diretor nosso que se embandeira com a integração dele com os funcionários, ganha a causa na época de greve e revolta e tal, eu lembro que teve uma greve aqui que a gente aceitou a greve, eu sempre acho que o hospital funcionando ficou responsável pelo comando de greve, não vejo nenhum problema com isso e tal, só que a comunidade, a comunidade, os funcionários, Dr. João Paulo, querima que a gente proibisse de entrar serviços terceirizados aqui dentro, eu falei que eu não podia fazer isso.

AB - Terceirizado é limpeza e segurança.

EO - Eu tenho que garantir o direito, se eu estou na direção tenho que garantir o direito de quem não quer fazer greve também, eu tenho que garantir de quem quer fazer, mas tenho que garantir de quem não quer fazer. Bom, isso era ser de direita, eu sempre dizia para eles “Vocês não leram a história do comunismo, vocês são muito infantis para isso Trótski que era um dos mais esquerdistas que tem, dizia que...

AB - Radical.

EO - Todo o poder é de centro, não existe poder de direita ou de esquerda, o poder é de centro esquerda, o que é isso? É um governo que é de centro, que permite que a esquerda evolua, tem de centro-direita poder de centro.

AB - Centro para a direita evoluam.

EO - Ou então a ditadura, e de esquerda e direita, não existe meio-termo, como não era uma ditadura eu era centro, só que eu era um cara ligado à esquerda, então desenvolver esquerda mas não podia também, se era uma ditadura quanto pessoal de direito é que tem que deixar quem quisesse trabalhar, de que garantir isso eles não entenderam, provocaram um congresso que dentro de e tal, e nesse congresso propunha a eleição direta dos diretores e a gente não participa, Carlos Augusto queria participar, ganharia mole a eleição.

AB - É com toda a história, você também ganharia.

EO - Eu também, a gente por coerência política (TI), só tem um jeito desse pessoal, acalmar esse povo, é eles assumirem o poder.

AB - Quem ?

EO - Acalmar esse povo, eles assumirem poderes, têm que ter compromisso com isso, eles não querem isso.

AB - Depois que pegar a banana ver como é que é.

EO - Então fomos lá ser diretor, mas ao mesmo tempo não tem nenhum compromisso, então, nós nos retiramos de frente e o João Paulo nosso diretor era candidato dos funcionários.

AB - E ele ganha?

EO - Ele ganha a eleição.

AB - Isso é que? Mais ou menos 91?

EO - Logo que eu saio, último cargo que eu tive.

AB - Porque aí de cargo foi 91 que depois você foi mexer com coordenação de curso?

EO - Pronto.

AB - Então em 91.

EO - Dr. João Paulo assume a direção, eu não vou colaborar com a direção dele, não concordo com essa forma de dirigir.

AB - Qual a sua função aqui dentro depois que ele assume?

EO - Eu tinha na direção criado a triagem, aí eu vou trabalhar na triagem, e depois eu quero trabalhar com Vanderlei no EAT, Espaço Aberto ao Tempo, e quero ir para lá e aí João Paulo uma dificuldade enorme tentando liberar eu vou para lá em 92, 93 que eu vou para lá que eu queria fazer passo seis anos na clínica e foi um dos crescimentos maiores da minha vida

AB - Na clínica daqui

EO - Era tudo que eu queria, era ser clínico, aí eu faço um trabalho com Lula de arrebentar as enfermarias que era enfermaria de porta aberta, vira um espaço aberto ao tempo hoje um CAPS que funciona aqui dentro é um dos melhores trabalhos que têm que dentro eu me orgulho muito desse trabalho porque não se precisa de cargo de chefia para fazer um bom trabalho não tem necessidade nenhuma

AB - Aliás cargo de chefia atrapalha as vezes

EO - Atrapalha nesse período aí todos sou chamado para Carlos, o Carlos Augusto sai daqui magoar e vai para FUNLAR

AB - Que a FUNLAR?

EO - Fundação Iar Francisco de Paula que trata um deficiente da secretaria de envolvimento social

AB – Ah, tá.

EO - Que depois vai ser o secretário, a FUNLAR é um lugar que ele fez um trabalho belíssimo secretaria me convida para ir para lá, eu não quero não, desculpa, o Carlos saí antes e para secretaria municipal de saúde para ser coordenador, gerente de saúde mental.

AB - A tá secretaria de saúde do estado

EO - Do município

AB - Do município

EO - Municipal

AB - Ele vai ser gerente

EO - Já de saúde mental

AB - Para

EO - E aí depois ele vai para FUNLAR

AB - Depois disso o para o

EO - O Hugo Filho, que até hoje está Hugo, eu fui procurada pela?

AB – Ficou aqui dentro indo para a clínica fazer um outro tipo de intervenção de trabalho com pessoas

EO - Com pessoas, tinha trabalhar dos trabalhos mais belos que eu considero muito bonito aí me volto a clínica no esquema da reforma da tento me dedicar a isso

AB - Aonde entra o ensino nisso Dr. Edmar?

EO - Eu sempre gostei muito de estar junto com isso como nós tínhamos residência aqui

AB - Isso

EO - Eu começo a me interessar, ?? residência

AB - O ensino aparece de formas muito pingadas, por exemplo, aparece lá em 97

EO - Lá em 97 que eu fui

AB - Professor colaborador no curso médico, na UERJ lá na colônia

EO - Não é aqui na UERJ

AB - Aqui na UERJ, mas o centro prático de vocês com é o vocês usavam como prática quem

EO - Calma calma calmo calma...

AB - Professor colaborador quer dizer, lá não

EO - Isso aqui é na UERJ, isso aqui é na UERJ.

AB - 91 e

EO - Isso aqui está errado, tá errado. É 77

AB - Isso é não UERJ, ele usava como centros de triagem

EO - Era UERJ era a própria UERJ

AB - A próprio UERJ

EO - Usava o centro de psiquiatria e eu trabalhei com Pavão foi colaborador do Pavão e o de

AB - A tá boa aí agora aparece de novo

EO - E depois eu fui para a colônia também fiquei na colônia foi professor também da colônia anos num curso lá

AB - Colônia coordenador do módulo tá aqui módulo de prevenção programáticas dentro da colônia

EO - E depois de vim para cá.

AB - O ensino está sempre te acompanhando dessa forma

EO - E acompanha de vez em quando lá e tal

AB - Você não teve em nenhum momento em nenhuma vontade ter uma carreira acadêmica e profissional não foi sua opção mesmo

EO - Não eu até acho o seguinte que toda a carreira acadêmica dentro da psiquiatria ela não diz nada a respeito da prática para mim essa coisa tem

AB - Distancia do muito

EO - Distancia tentar junto então para mim só interessa ensino se estiver junto da prática

AB - Da prática

EO - Então não vai aparecer residente aqui que você

AB - Aí você ficou preceptor do curso de residência

EO - Fiquei

AB - Acumulou um bom período

EO - A disciplina e tal para dizer a para ter uma atividadezinha, só sem ser na clínica, mas eu tava aqui na verdade estava fazendo clínica

AB - Era clínica aqui faz parte da clínica é juntar os residentes com a clínica

EO - Só isso não é, aí estudava, mas a psicanálise estudava vou desenvolver projetos lá, dentro, quer dizer, eu trabalhei muito na clínica isso me interessou aí que eu vou me inteirar de todo da reforma que o motivo tem que tá parado assume da direção aí que eu vou me debruçar sobre o sistema e ver essas questões

AB – Quer dizer, a reforma me responde uma coisa por exemplo vamos pensar em 76 você está chegando aqui no Rio vocês esposa quitinete E tá rolando um IV congresso nacional de psiquiatria onde foi a primeira vez que o pessoal da esquerda e tentou bancar o pessoal dos hospitais psiquiátricos desse você não foi

EO - tava fora

AB – E aí vem rolando vem encontro nacional e do movimento ante psiquiátrico encontro nacional da luta antimanicômial

EO - Eu participei de algum desses movimentos

AB - Mas isso não era a tua praia

EO - Não

AB - A praia era dentro dos serviços estar pesando a prática isso

EO - Isso a minha praia

AB – Tá.

EO - E que vinha de fora da reforma ?? não sei o que era bem-vindo

AB - Bem vindo

EO - Agora aí eu tenho uma outra questão que eu vou aprender aqui na clínica que vou aprender na clínica porque quando eu tô fazendo clínica e eu vou me interessar pela história que já sabe que a tenham a ver com a história de um ano passado

AB – Sei

EO – Então, eu vou descobrir dois nomes que não tão no campo da reforma de quem escreve sobre a reforma

AB - Certo.

EO - Que eu acho que é a Nísia da Silveira e Oswaldo Santos.

AB - E Oswaldo

EO - São duas pessoas que eu acho que tem um trabalho magistral que tudo que a reforma adaptação da reforma italiana no Brasil ela se deve muito essas pessoas aqui também tem que querem?? todo mundo esquece que elas existiram

AB - Até porque teoricamente elas trouxeram pessoas de ponta desde os anos 50

EO - Desde os anos 50

AB - Ela tá trazendo gente da própria psicologia e da terapia ocupacional a TO.

EO - Sem dúvida sem dúvida elas estavam modernizando a essa coisa de

AB - O Oswaldo modernizou serviço aqui

EO - Serviço e ele fez a primeira comunidade terapêutica ele tá, então isso para mim faz parte história eles criaram isso na Campos Pinheiro é o ?? da psiquiatria trabalhou com a ??

AB - Quem é esse Cândido

EO - Cândido Espinheiro que é diretor hoje do Abrigo Cristo Redentor ele trabalhou com uma Oswaldo santos

AB – A gente botou aqui ele trabalhou com Oswaldo Santos.

EO - O Lula Vanderlei que é diretor do EAT, trabalhou com Nísia da Silveira, então veja o que as coisas não são assim, teve ligações nessas questões eu acho também que o cara quando vai para uma academia ele vai escrever ele esquece um pouco da prática onde ele tava

AB - e especialmente exercitar

EO - Eu acho complicado para mim essa coisa interessante, então, para mim, o que me deu régua e compasso, foi esses seis anos que passei na clínica

AB – Na clínica

EO - foi gratificante demais trabalhar com pacientes aprender com psicóticos, aprender com a psicose sabe fazer leituras que eu não fazia me tornar mais brando de coração mas molha que eu era muito duro isso foi para mim foi muito importante a clínica foi muito importantes nessa época toda e me deparar com essas questões e do pensamento moderno viver com a reforma Franco Basaglia, ?? mais não tinha muita oportunidade de estar me debruçando é aqui que eu me debruço, aqui que eu vou me debruçar nessas questões e vou me debruçar também e ver que não tem se grandes encrencas por que tem uma briga eterna aqui nas pessoas tentam se filiar eu acho que o Brasil como nunca consegui ser partidário rua nem na psiquiatria eu sou, não tem uma coisa que se deram a Nísia da Silveira em Santos por que eu não sou partidário de única forma eu acho que se deve a reforma que a que se que psiquiatria e tornar francesa são coisas que se complementam não são diferentes as pessoas têm de dizer não a reforma foi a prática a questão franceses eu acho que essas coisas são suplementares quando você vai para a clínica

AB - Precisa da psiquiatria francesa e aí?

EO - você precisa da psiquiatria francesa, não tem como você tem que estudar Lacan não tem como está entender a psicose sem estudar Lacan dá para negar então tem essas questões que estão indicadas pelo menos as pessoas têm mesmo conjunto de aí eu encontrei o cidadão chamado Française ?? eu tenho apenas uma entrevista com ele por causa de um livro esse cara dizem que ele criou a psiquiatria institucional francesa ele detesta esse título ele trabalhou na segunda guerra mundial que Saint Albin ao sul da França recentemente no começo da década de 90 franceses e italianos fora entrevistado Française depois que o embaixada morreu

AB - Que estava em que o livro

EO - Ele estava num desses livros saúde loucura

AB - A tá eu acho que eu tenho esse.

EO – Escola e liberdade

AB - Escola?

EO - Das liberdades

AB - Liberdades

EO - e é fantásticas dois vão a saber o que ela tal o?? o ?? eu não quero ser chamada de psiquiatra institucional que o detesta o título por que eu fazia o que o Basaglia fez hoje não é tão diferente eu atuei no mesmo campo e trabalhou campo de plantação na França ocupada juntou lá dentro um bocado de artista por acaso Bretton, o Dalí estava querendo se esconder e eles esconder num caldo de impressionista lá dentro, ?? faz a tese de dentro do hospício

AB - Dentro do hospício

EO - Então ?? o para mim ele que dava esse compasso para todos eles, então, não tem que escapar agora não sou basagliano,

AB – tosqueliano.

EO - Uma coisa só é uma coisa só e aí para mim esse campo é uma coisa só. E aí para completar quer dizer, eu tinha decidido que na clínica tava muito bem e a minha mulher falava uma frase que eu sempre adorei o escutar uma coisa a falou que depois que fui me tratar com Vanderlei e o meu melhorei muito

AB - Depois que você foi?

EO - Me tratar com Vanderlei eu melhorei muito

AB - (risos) é você foi para a clínica

EO – Para clínica vai você também...

Fita 3 - Lado B

AB – você tava colocando essa questão das correntes e tal de você estar fazendo essa opção e aí como é que foi caminhando para a direção como é que foi esse processo de final de 90. Por que até 97 você tava na clínica e na residência.

EO – isso. Quando eu vim para cá?

AB - e aí como é que foi essa coisa? É como é que você optou?

EO – Hoje?

AB – Não até, assim, como é que foi sair da clínica? Ou você não saiu?

EO – Não, eu não saí. Não saí é por que foi a grande questão. Bom o que me veio dar na clínica foi o seguinte eu fui trabalhar com o Lula Wanderlei, e vou dizer para vocês o seguinte eu aprendi muito com o Lula, primeiro que eu fui humilde, eu tava afastado sempre tive paciente, nunca deixei de clinicar, eu sempre gostei da clínica. Mais com o Lula não o Lula fui aprender, por que o Lula foi um radical e eu sempre admirei muito ele na radicalidade dele. Fui aprender com ele, então, eu consegui ter um espaço próprio lá dentro, o Lula sempre trabalhou com a arte, ele trabalha com os objetos relacionados a ?? psiquiatria e tal. Não cheguei no EAT, antigamente não cheguei lá era Espaço, era Enfermaria de porta aberta, não era Espaço aberto ao tempo ainda e todo mundo tinha uma linguagem artística e não tenho habilidade para pintar para declamar, então, quase nada, não é. E eu gosto de literatura. Então, eu pensei em trabalhar com a palavra escrita com os pacientes e foi uma surpresa agradabilíssima por que é um cara que tem um verso a admirava aquela palavra. As palavras escritas, é uma escrita muito significativa e na psicose fantástico, por que a palavra falada na psicose ela muda o tempo todo e a palavra escrita ela tá fixa.

AB – Tem nova permanência.

EO – Tem nova permanência. Então, eu comecei a fazer um trabalho escrito e aí, eu produzi livro com paciente eu fazia jornais com os pacientes e aí volta as minhas origens nos jornais, da minha literatura...

AB – Conseguiu fazer um ciclo.

EO – Faço o ciclo volto tudo hoje tem o jornal *O Brito* que é fruto do nosso trabalho lá dentro que é um trabalho interessantíssimo que o paciente passar pela linguagem vou aprender que a psicose tem que trabalhar com várias linguagens que num, que dá arte que é a linguagem da sensibilidade vou me colocar nisso o tempo todos, vou me colocar nessa questão.

NR – Esses não são pacientes crônicos, não

EO – São pacientes crônicos sim só que eles são crônicos de outra forma de ser nós lidamos lá e eu aprendi bastante o seguinte nós fizemos um espaço onde o paciente ele não se interna, ele tem querer, geralmente a psiquiatria tradicional não dá o querer ao paciente, o nosso tem, se você for ver lá você acha que todo mundo tá bom, não tem ninguém doido, e são todos muito doidos, só que eles não se entopem de remédios aqui eles querem tomar e quando querem tomar eles tem toda a liberdade para fazer isso, hoje eu lido com isso muito bem, no começo eu tive dificuldade. É eles...

AB – Com essa autonomia deles, você sentiu um pouco de dificuldade.

EO – Senti um pouco de dificuldade.

AB – Você tinha medo da consequência.

EO – Eu tinha medo da consequência, hoje eu lido com isso na maior facilidade do mundo sou um terapeuta legal, o único?? Trabalhar com psicose e trabalhar muito bem, por que gosto disso gosto de trabalhar com psicótico, aprendo com eles assim terrivelmente eu faço todo toda a sensibilidade artística que todos eles têm, é uma coisa que é interessante um espaço para liberdade para eles sabem lidar com isso e você muito bem e eu dizia o seguinte, eu reproduzia no EAT, eu tratava o paciente eles me tratavam sabe numa troca muito constante, eu aprendi muito minha vida mudou demais. Então, não estava nos meus planos voltar para a direção.

AB – Sei

EO – Não estava, não é. Não era esse planejamento. Quando João Paulo saiu da direção que era o cara eleito veio o diretor para cá que era o Paulo Mesquita que era um...

AB – Conheci, um interventor.

EO – Um interventor e um cara que veio aqui fazer ?? de campanha do Marcelo Alencar.

AB – Isso.

EO – Um político, veio roubado, depois conseguimos tirar ele e aí essa pessoal antigo todo se articula aí o CPP II tem que voltar, tem que ser ?? . aí falei” não quero to indo bem na clínica não vou brigar com Serra, não vou brigar com o Ministro da Saúde, isso é muito chato, não aguento mais isso, to muito legal” e eu nessa época entra o Paulo ?? que eu não vou brigar para ficar aqui.

AB – Isso aí o Geraldo já entrou.

EO – Geraldo já entrou por que eu não briguei, não briguei mesmo, a gente ase conhecia até que fazer eu não queria, não tava afim, mais aí eu me trato, eu coloco uma frase que foi a que me traiu “ se municipalizado fosse,” isso quando o Paulo entrou, como não municipalizou...

AB – Dançou.

EO – não era o meu, dancei (risos) aí eu tive que ??.

AB – você fala demais.

EO – Eu falo demais. É isso esse é o meu problema.

AB – Que coisa rapaz.

EO – Eu falo demais, aí não tinha outro nome, aí tinha que ser eu aí vai foi uma ?? uma festa que teve aqui muito bonita, com todo mundo aqui mais ao mesmo tempo acho que hoje eu to uma pessoa completamente diferente da ?? que eu to maduro para isso, eu to aberto para isso, e não deixo de atender. Meus pacientes vêm aqui no gabinete escutar, conversar bater papo, eu vou lá falar com eles e num.

AB – Você tá conseguindo conciliar?

EO – Não, eu to deixando muito a desejar na clínica por que por hora eu tenho que me dedicar aqui eu quero deixar sempre esse pé lá dentro...

AB – Isso.

EO – Para quando eu puder organizar aqui eu puder voltar.

AB – Não conciliar no sentido assim, tudo bem que você não tá podendo dividir igual nem ser eqüitativo, mas você tá conseguindo não perder, não largar nada

NR – Quer dizer, a porta fica aberta.

AB – A porta tá aberta, teu espaço também céu aberto, então,

EO – Eu acho interessante o seguinte eles os pacientes fizeram uma entrevista para o jornal deles agora que foi o jornal que eu fundei lá.

AB – *O grito*.

EO – *O grito*. E eu eles perguntam assim, “até quando a gente vai ter seu consultório aqui?”, eu falei “olha acho que só precisa de lugar, por que eu to por aqui, estou por aí, vocês podem alugar ele, mas não vendam, não, (risos) que eu quero voltar. Não essa é a história.

AB – A relação é essa, quer voltar.

EO – Quero deixar um pé lá que eu quero voltar para lá.

AB – E olha, a gente está fechando e eu queria te dar um espaço se você quiser ?? alguma coisa, aí assim, que aí a gente fez um caminho dolorido eu acho em alguns momentos, aí a gente queria até te pedir até desculpas por que essa coisa de mexer com a vida tem dor, mas eu acho também que teve uma coisa positiva no sentido de que você saiu talvez tenha te ajudado. A entrevista dá essa ?? redonda, não é, é e aí eu queria primeiro perguntar a você se você permite que a gente dentro da fundação que nessa unidade que é a casa de Oswaldo Cruz, faça da sua entrevista uma linguagem falada uma fonte de pesquisa para quem quiser pensar a questão da psiquiatria no Brasil a gente tem um acervo lá que se chama memória da psiquiatria no Brasil, e eu queria saber se você autoriza...

EO – Autorizo.

AB – Que a sua entrevista esteja disponível para ser lida e ouvida. Que a gente tem um processo que a gente transcreve mais a gente transcreve guardando a linguagem falada, não é. Então, eu saber se você dava essa autorização se você cedia esse direito e agora também para você fechar é falando do que você quiser e a gente queria agradecer, em nome da Laurinda e eu acho que a Natasha também...

NR – É.

AB – Que foi uma entrevista todas são únicas que as pessoas tem histórias de vida únicas mais essa foi preciosa no sentido que você entende o papel da gente. Você entende o qual é a função da gente na hora que a gente tá tentando fazer uma memória de história de vida, não é então, a gente queria te agradecer a sensibilidade com que você nos recebeu.

EO – É assim, para terminar o que eu queria dizer para vocês é o seguinte, não tem como separar o teu trabalho com tua história de vida isso é que eu não posso deixar de autorizar a usar a minha história por que a minha história é história do meu trabalho, não tem separação eu me lembro que quando a gente foi diretor aqui no começo eu ficava muito em cima da cobrança de horário da responsabilidade e não sei o que e tal hoje eu estou muito mais mole para isso por que eu digo o seguinte, é, eu tenho uma pena horrível de quem não gosta de trabalhar, ele deve sofrer demais.

AB – É horrível fazer o que não gosta.

EO – por que você tem que passar mais tempo aqui do que com minha família na minha casa se eu não gostar disso aqui, não vale a pena eu tá aqui então, não tem sentido na minha vida isso, quer dizer, é claro que um diretor tem que ter uma postura diferente tem que cobrar horário e tal mais duma forma diferente eu tenho que entender que também as pessoas não estão satisfeita naquelas coisas de se satisfazer no seu trabalho.

AB – Pensar nas condições de trabalho e de vida juntas, não é.

EO – Mudar o lugar, pode ser que mudando a pessoa goste de trabalhar e tal quer dizer, eu acho que é assim, a tua história é a tua vida e é o teu trabalho são coisas únicas, então, não é, não é assim, não é por acaso que eu começo no meu científico trabalhando no jornal e querendo ser jornalista e termino com os pacientes na clínica usando a linguagem no jornal

AB – Linguagem do jornal, não é a toa

EO – Eu acho que isso não é a toa é a minha vida que tá colocada nisso, não é com o Wanderlei quando ele usa a Lígia?? Trabalhei com ela, eu acho que isso sim é a produção por que eu não acredito mais que para trabalhar com a psicose evidente essa isenção Psicanalítica de ficar assim se tocar eu acho que na psicose só existe uma linguagem para você chegar perto dela e poder trabalhar com ela, é o afeto se você não tem afeto você não consegue não dá um cara duro não consegue trabalhar com a psicose.

AB – Brigada.

EO – Muito obrigada.